

Allan Kardec

O Espiritismo na sua Expressão Mais Simples

por Allan Kardec (1804-1869)



Allan Kardec

ÍNDICE

ÍNDICE.....	3
I.....	4
O ESPIRITISMO.....	4
NA SUA EXPRESSÃO MAIS SIMPLES.....	4
<u>HISTÓRICO DO ESPIRITISMO.....</u>	<u>6</u>
<u>RESUMO DO ENSINO DOS ESPÍRITOS.....</u>	<u>25</u>
<u>MÁXIMAS EXTRAÍDAS DO ENSINO DOS ESPÍRITOS.....</u>	<u>38</u>
I.....	47
RESUMO DA LEI	47
DOS FENÔMENOS ESPÍRITAS.....	47
<u>OBSERVAÇÕES PRELIMINARES.....</u>	<u>48</u>
<u>II MANIFESTAÇÃO DOS ESPÍRITOS.....</u>	<u>55</u>
<u>I DOS MÉDIUNS.....</u>	<u>69</u>
<u>IV DAS REUNIÕES ESPÍRITAS.....</u>	<u>73</u>
III.....	76
CARÁTER DA.....	76
REVELAÇÃO ESPÍRITAS.....	76
<u>CARÁTER DA REVELAÇÃO ESPÍRITA.....</u>	<u>78</u>

Allan Kardec

ALLAN KARDEC

I

O ESPIRITISMO

NA SUA EXPRESSÃO MAIS
SIMPLES

Allan Kardec

PARIS – JANEIRO DE 1862

Allan Kardec

Histórico do Espiritismo

Nos Estados Unidos da América, por volta de 1850, a atenção pública foi atraída para diversos fenômenos estranhos, que consistiam em ruídos, pancadas e movimentos de objetos, sem causa conhecida. Muitas vezes esses fenômenos se produziam espontaneamente, com persistência e intensidade singular; mas, também se observou que ocorriam mais particularmente sob influência de certas

Allan Kardec

pessoas, que foram designadas pelo nome de médiuns e que, de algum modo. Os podiam provocar à vontade, o que permitia a repetição das experiências.

Para isso os experimentadores se serviam sobretudo de mesas, não porque esse objeto fosse mais favorável do que outro, mas unicamente porque é mais característico, o que principalmente prende a atenção das pessoas sérias.

Para começar, digamos, de passagem, que a realidade do fenômeno entrou numerosos contraditores. Uns, sem levarem em conta o desinteresse e a honradez dos expectadores, não viram naquilo mais que uma trapaça, um hábil golpe de mágica. Os que nada admitem fora da matéria, que só acreditam no mundo visível, que pensam que tudo morre com o corpo, os materialistas, numa palavra os que se qualificam de espíritos fortes, lançaram a existência dos Espíritos invisíveis na categoria das fábulas absurdas; tacharam de loucos os que tomavam a coisa a sério e os carregaram de sarcasmos e zombarias.

Outros, não podendo negar os fatos, e sob o império de uma determinada ordem de idéias, atribuíram os fenômenos à influência exclusiva do diabo, buscando, por esse meio, amedrontar os tímidos.

Allan Kardec

Hoje o medo do diabo perdeu singularmente o seu prestígio; tanto se falou dele, pintaram-no de tantas maneiras, que todo mundo se familiarizou com essa idéia e muitos julgaram que deviam aproveitar a ocasião para verificar o que o diabo era realmente. Daí resultou que, salvo um reduzido número de mulheres timoratas, a notícia da chegada do verdadeiro diabo tinha algo de atraente para os que só o tinham visto em pintura ou no teatro; para muita gente tal notícia foi um forte estimulante, de sorte que aqueles que tentaram por esse meio, opor barreira às idéias novas, trabalharam contra o seu objetivo e, sem quererem se tornaram os seus agentes propagandistas, e tanto mais eficaz quanto mais fortes gritaram.

Os outros críticos não lograram mais sucesso, porquanto, aos fatos constatados, aos raciocínios categóricos, não puderam opor senão denegações. Lede o que publicaram e em toda parte encontrareis a prova da ignorância e da falta de observação séria dos fatos, e em parte alguma uma demonstração peremptória de sua impossibilidade. Toda a argumentação de que se serviram resume-se nisto: “Não creio; logo, não é verdade. Todos os que crêem são loucos; só nós temos o privilégio da razão e do bom senso”. É incalculável o número dos adeptos

Allan Kardec

feitos pela crítica séria ou galhofeira, porque em toda parte não se encontram senão opiniões pessoais, vazias de provas contrárias. Mas, prossigamos a nossa exposição.

As comunicações por meio de pancadas eram lentas e incompletas. Reconheceu-se que, adaptando um lápis a um objeto móvel: cesta, prancheta, ou outro, sobre o qual se colocassem, os dedos, esse objeto se punha em movimento e traçava caracteres. Mais tarde reconheceu-se que tais objetos não passavam de acessórios, perfeitamente dispensáveis. A experiência demonstrou que o Espírito, agindo sobre um corpo inerte para o dirigir à vontade, podia do mesmo modo atuar sobre o braço ou a mão para conduzir o lápis. Surgiram, então, os médiuns escreventes, isto é, pessoas que escreviam, involuntariamente, sob a impulsão dos Espíritos, aos quais serviam assim de instrumentos e intérpretes. Desde então, as comunicações não tiveram mais limites e a permuta de pensamentos pôde efetuar-se com tanto mais rapidez e desenvolvimento quanto entre os vivos. Era um vasto campo aberto à exploração, a descoberta de um mundo novo: mundo dos invisíveis, assim como o microscópio descobrira o mundo dos infinitamente pequenos.

Allan Kardec

Que são esses Espíritos? Que papel representam no Universo? Com que objetivo se apresentam aos mortais? Tais as primeiras questões que se tratou de resolver. Logo se ficou sabendo, por eles mesmos, que não são seres à parte na criação, mas as próprias almas dos que viveram na Terra ou em outros mundos; que essas almas, depois de se terem despojado de seu invólucro corporal, povoam e percorrem o espaço. Já não se pode duvidar disso, quando muitos reconhecem parentes e amigos entre essas almas e com elas puderam conversar; quando aqueles que vêm dar prova de sua existência, demonstram que apenas seus corpos morreram, mas que sua alma ou Espírito vive sempre, que estão perto de nós, vendo-nos e observando-nos como quando vivos, cercando de cuidados aqueles a quem amaram, cuja lembrança é, para eles, doce satisfação.

Geralmente se faz dos Espíritos uma idéia completamente falsa. Eles não são, como muitos imaginam, seres abstratos, vagos e indefinidos, nem alguma coisa semelhante a um clarão, a uma centelha. São, ao contrário, seres reais, tendo a sua individualidade e uma forma determinada. Deles se pode fazer uma idéia aproximativa pela explicação seguinte:

Allan Kardec

Há no homem três coisas essenciais: 1º) a alma ou Espírito, princípio inteligente no qual residem o pensamento, a vontade e o senso moral; 2º) o corpo, envoltório material, pesado e grosseiro, que põe o Espírito em relação com o mundo exterior; 3º) o perispírito, envoltório fluídico, extremamente sutil, servindo de laço e intermediário entre o espírito e o corpo. O invólucro exterior está gasto e já não pode funcionar, tomba e o Espírito se desprende dele, como o fruto e a árvore se despojam de suas cascas; numa palavra, como deixamos uma velha roupa imprestável. É o que se chama a morte.

A morte, portanto, não passa da destruição do invólucro grosseiro do Espírito, Só o corpo morre, o Espírito não, Durante a vida o Espírito se acha, de certo modo, comprimido pelos laços da matéria a que está unido e que muitas vezes lhe paralisa as faculdades. A morte do corpo o liberta desses laços. O Espírito se desprende deles e recobra a liberdade, como a borboleta ao sair da crisálida; mas só deixa o corpo material, conservando o perispírito, que constitui para ele uma espécie de corpo etéreo, vaporoso, imponderável para nós e de forma humana, que parece ser a forma padrão. Em seu estado normal, o perispírito é invisível, mas o Espírito pode fazê-lo sofrer certas

Allan Kardec

modificações que o tornem momentaneamente acessível à vista e mesmo ao tato do homem, como sucede com o vapor condensado. É assim que algumas vezes se nos podem mostrar nas aparições. É por meio do perispírito que o Espírito atua sobre a matéria inerte e produz os diversos fenômenos de ruídos, de movimentos, de escrita, etc.

Para os Espíritos, as pancadas e os movimentos são os meios de que se servem para atestarem a sua presença e chamarem sobre si a atenção, absolutamente como faz uma pessoa que bate para advertir que alguém está ali. Há as que não se limitam a ruídos moderados, indo ao extremo de produzirem barulhos semelhante ao de louça que se quebra, ao de portas que se abrem e se fecham ou ao de móveis que se derrubam.

Mediante pancadas e movimentos convencionais, puderam exprimir seus pensamentos, mas a escrita lhes oferece o meio mais completo, mais rápido e mais cômodo, razão por que o preferem. Assim como podem formar caracteres, podem guiar a mão para que trace desenhos, escrever músicas, executar um trecho musical num instrumento. Em síntese, na falta de seu próprio corpo, que já não

Allan Kardec

possuem, servem-se do médium para se manifestarem aos homens, de maneira sensível.

Os espíritos podem ainda manifestar-se de várias maneiras, entre outras pela visão e pela audição. Certas pessoas, chamadas médiuns audientes, têm a faculdade de ouvi-los, podendo assim conversar com eles; outros os vêem; são os médiuns videntes. Os Espíritos que se manifestam à visão em geral se apresentam sob forma análoga à que tinham em vida, porém vaporosa; doutras vezes essa forma assume todas as aparências de um ser vivo, a ponto de causar ilusão tão completa que por vezes são tomados por indivíduos de carne e osso, com os quais se pode conversar e trocar aperto de mãos, sem que se suspeite tratar-se de Espíritos, até que estes subitamente desapareçam.

A visão permanente e geral dos Espíritos é muito rara, mas as aparições individuais são bastante freqüentes, sobretudo no momento da morte; é como se o Espírito recém-desprendido se apressasse em tornar a ver seus parentes e amigos, como que para os avisar que acaba de deixar a Terra e dizer-lhes que continua a viver. Aquele que recolher suas lembranças verá quantos fatos autênticos deste gênero, dos quais não de dava conta, ocorrem consigo não só à noite durante o

Allan Kardec

sono, mas em pleno dia, no mais completo estado de vigília. Outrora esses fatos eram encarados como sobrenaturais e maravilhosos e eram atribuídos à magia e à feitiçaria; hoje, os incrédulos os lançam à conta da imaginação. Mas, desde que a ciência espírita lhes deu a explicação, sabe-se como se produzem e que não escapam da ordem dos fenômenos naturais.

Ainda há os que acreditam que os Espíritos, pelo simples fato de serem Espíritos, devem possuir a soberana ciência e a suprema sabedoria. É um erro que a experiência não tardou em demonstrar. Entre as comunicações dadas pelos Espíritos, algumas são sublimes pela profundidade, pela eloquência, pela sabedoria e que só exalam bondade e benevolência; mas, ao lado dessas, outras há muito vulgares, levianas, triviais, mesmos grosseiras, pelas quais o Espírito revela os mais perversos instintos. É, pois, evidente que não podem emanar da mesma fonte e que, se há bons espíritos, também há os maus. Não sendo os Espíritos senão as almas dos homens, naturalmente não podem tornar-se perfeitos tão=só porque deixaram seus corpos. Enquanto não hajam progredido, conservam as imperfeições da vida corporal, razão por que se nos apresentam em todos os graus de bondade e de maldade, de saber e de ignorância.

Allan Kardec

Geralmente os Espíritos sentem prazer em se comunicarem conosco. Para eles é uma satisfação constatarem que não foram esquecidos; descrevem de bom grado suas impressões ao deixarem a Terra, sua nova situação, a natureza de suas alegrias e sofrimentos no mundo em que se encontram: uns são muito felizes, outros desgraçados, alguns sofrem mesmo tormentos horríveis, segundo a maneira como viveram e o emprego bom ou mau, útil ou inútil que fizeram a vida. Observando-os em todas as fases de sua nova existência, conforme a posição que ocuparam na Terra, o gênero de morte, seus caracteres e hábitos como homens, chega-se a um conhecimento, se não completo, pelo menos muito preciso do mundo invisível, para nos darmos conta do nosso estado futuro é presentirmos a sorte feliz ou desgraçada que nos espera.

As instruções dadas pelos Espíritos de ordem elevada sobre todos os assuntos que interessam à Humanidade, as respostas que deram às questões que lhe foram propostas, recolhidas e coordenadas cuidadosamente, constituem toda uma ciência, toda uma doutrina moral e filosófica, sob o nome de Espiritismo. O Espiritismo é, pois, a doutrina fundada na existência, nas manifestações e nos ensinamentos dos

Allan Kardec

Espíritos. Essa doutrina se acha exposta de modo completo em O Livro dos Espíritos, quanto à parte filosófica, em O Livro dos Médiuns, quanto à parte prática e experimental. Pela análise que a seguir faremos dessas obras, pode-se julgar a variedade, a extensão e a importância das matérias que elas encerram.

Já vimos que o Espiritismo teve o seu ponto de partida no fenômeno vulgar das mesas girantes. Como, porém, esses fatos falam mais aos olhos do que à inteligência e despertaram mais a curiosidade do que o sentimento, uma vez satisfeita aquela, o interesse por eles diminuiu, tanto mais que não eram compreendidos. Outra foi a reação quando a teoria lhes veio explicar a causa, sobretudo quando perceberam que das mesas girantes, com as quais durante algum tempo se divertiram, surgia toda uma doutrina moral que fala à alma, dissipando as angústias da dúvida, satisfazendo a todas as aspirações deixadas na incerteza por um ensinamento incompleto acerca do futuro da Humanidade, as pessoas sérias acolheram a nova doutrina como um benefício e, desde então, longe de declinar, ela cresceu com incrível rapidez. No espaço de três ou quatro anos, congregou, em todos os países do mundo, sobretudo no seio das classes

Allan Kardec

esclarecidas, inúmeros partidários, que aumentam diariamente numa proporção extraordinária, de tal sorte que hoje se pode dizer que o Espiritismo conquistou direito de cidadania. Está assentado em bases que desafiam os esforços dos seus adversários, mais ou menos interessados em combatê-lo e a prova disso é que os ataques e críticas não têm retardo a sua marcha um só instante: isto é um fato atestado pela experiência e para o qual os antagonistas jamais puderam encontrar explicação. Os espíritas dizem simplesmente que, se ele se propaga, a despeito da crítica, é que o acham bom e preferem o seu raciocínio aos dos contraditores.

Todavia, o Espiritismo não é uma descoberta moderna. Os fatos e os princípios sobre os quais ele repousa se perdem na noite dos tempos, pois que deles se encontram traços nas crenças de todos os povos, em todas as religiões, na maioria dos escritores sagrados e profanos; apenas os fatos, incompletamente observados, muitas vezes foram interpretados de acordo com as idéias supersticiosas da ignorância e ninguém havia deduzido todas as suas conseqüências.

Com efeito, o Espiritismo se funda na existência dos Espíritos; mas, não sendo os Espíritos senão as almas dos homens, desde que há homens há

Allan Kardec

Espíritos. O Espiritismo nem os descobriu, nem os inventos. Se as almas ou Espíritos podem manifestar-se aos vivos que isso está na Natureza e, assim, desde todos os tempos eles o puderem fazer. É por isso que em todos os tempos e por toda parte se encontra a prova dessas manifestações, abundantes, sobretudo nas narrações bíblicas. O que é moderno é a explicação lógica dos fatos, o conhecimento mais completo da natureza dos Espíritos, o seu papel e o seu modo de ação, a revelação do nosso estado futuro; enfim, sua constituição em corpo de ciência e de doutrina, com as suas diversas aplicações. Os Antigos conheciam os princípios, os Modernos conhecem os detalhes. Na Antiguidade, o estudo desses fenômenos era privilegio de certas castas, que só os revelavam aos iniciados em seus mistérios. Na Idade Média, os que com eles se ocupavam ostensivamente eram tidos por feiticeiros e queimados; mas, hoje, não há mistérios para ninguém e já não se queimam as pessoas. Tudo se passa em plena luz e todos podem esclarecer-se e praticar, uma vez que há médiuns por toda a parte.

A própria Doutrina que os Espíritos hoje ensinam nada tem de novo. Encontramo-la fragmentada na maioria dos filósofos da Índia, do Egito e da Grécia, e toda inteira nos ensinos do Cristo.

Allan Kardec

Que vem fazer então o Espiritismo? Vem confirmar, mediante novos testemunhos, demonstrar, por fatos, verdades desconhecidas ou mal-compreendidas, restabelecer o verdadeiro sentido das que foram mal interpretadas.

É verdade que o Espiritismo nada ensina de novo. Mas, não será alguma coisa o provar ele de maneira patente, irrecusável, a existência da alma, sua sobrevivência ao corpo, sua individualidade após a morte, sua imortalidade, as penas e recompensas futuras? Quanta gente acredita nessas coisas, mas com um vago sentimento de incerteza, dizendo no seu foro íntimo: “Se, contudo, não fosse assim?” Quantos têm sido levados à incredulidade por lhes haverem apresentado o futuro sob um aspecto que sua razão não podia admitir? De nada valerá ao crente vacilante poder dizer a si mesmo: “Agora tenho certeza?” e o cego afirmar: “Agora vejo a luz?” Pelos fatos e pela sua lógica, o Espiritismo vem dissipar a ansiedade da dúvida e reconduzir à fé os que dela se afastaram. Revelando-nos a existência do mundo invisível que nos cerca e em meio do qual vivemos sem o suspeitarmos, ele nos dá a conhecer, pelo exemplo dos que viveram, as condições da nossa felicidade ou da nossa desgraça futuras; explica a causa de nossos

Allan Kardec

sofrimentos na Terra e a maneira de os suavizarmos. Sua propagação terá por efeito inevitável a destruição das doutrinas materialistas, que não podem resistir à evidencia. O homem, convencido da grandeza e da importância de sua existência futura, que é eterna, a compara com a incerteza da vida terrena, que é tão curta, e se eleva pelo pensamento acima das mesquinhas consideradas humanas. Conhecendo a causa e o objetivo de suas misérias, suporta-as com paciência e resignação, porque sabe que são o meio de chegar a um estado melhor. O exemplo dos que vêm do além-túmulo descrever suas alegrias ou suas dores, provando a realidade da vida futura, prova, ao mesmo tempo, que a justiça de Deus não deixa vício algum sem punição e nenhuma virtude sem recompensa. Acrescentemos enfim, que as comunicações com os entes queridos que perdemos proporcionam doce consolação, provando não só que eles existem, como ainda que deles estamos menos separados do que se estivessem vivos e num país estranho.

Em resumo, o Espiritismo suaviza o amargor das aflições da vida; acalma os desesperos e as agitações da alma, dissipa as incertezas ou os terrores do futuro, detém o pensamento de abreviar a vida pelo suicídio. Por isso mesmo, torna felizes os que dele se

Allan Kardec

compenetram e esse é o grande segredo de sua rápida propagação.

Do ponto de vista religioso, o Espiritismo tem por base as verdades fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma, a imortalidade, as penas e as recompensas futuras, independentes de qualquer culto particular. Seu objetivo é provar, aos que negam ou duvidam, que a alma existe, que sobrevive ao corpo e experimenta após a morte as conseqüências do bem ou mal que tenham feito durante a vida corporal. Ora, isto é de todas as religiões. Como crença nos Espíritos, ele é igualmente de todas as religiões, assim como é de todos os povos, visto que, onde quer que haja homens, há almas ou Espíritos; que as manifestações são de todos os tempos, achando-se seus relatos em todas as religiões, sem exceção. Pode-se, portanto, ser católico, grego ou romano, protestante, judeu ou muçulmano, e crer nas manifestações dos Espíritos, por conseguinte, ser espírita. A prova disto é que o Espiritismo tem aderentes em todas as seitas. Como moral, é essencialmente cristão, porquanto a que ele ensina não é senão o desenvolvimento e aplicação da do Cristo, a mais pura de todas, cuja superioridade não é contestada por ninguém, prova evidente de que ela é a lei de Deus. Ora, a moral é para uso de todo o mundo.

Allan Kardec

Independendo de qualquer forma de culto, não prescrevendo nenhuma e não se ocupando com os dogmas particulares, o Espiritismo não é uma religião especial, visto que não tem sacerdotes, nem templos. Aos que lhe perguntam se fazem bem em seguir tal ou qual prática, responde: “Se credes que vossa consciência o exija, fazei-os; Deus leva sempre em conta a intenção. Numa palavra, ele não se impõe a ninguém; não se dirige aos que têm fé e a quem esta fé basta, mas à numerosa categoria dos indecisos e dos incrédulos; estes, ele não os arrebatava à Igreja, visto que, no todo ou em parte, dela já se separaram moralmente; apenas os leva a percorrer três quartos do caminho, para nela entrarem, cabendo a ela fazer o resto”¹.

¹ Nota do tradutor: A respeito desta passagem, Allan Kardec torna mais claro ainda o seu pensamento neste trecho: “ O Espiritismo não se dirige aos que têm uma fé qualquer e a quem esta fé basta, mas aos que não a têm ou que duvidam, e lhes dá a crença que lhes falta, não mais particularmente a do catolicismo, do Protestantismo, do Judaísmo ou do Islamismo, mas a crença fundamental, base indispensável de toda religião. Aí termina o seu papel. Estabelecida esta base, cada um é livre para seguir a rota que melhor

Allan Kardec

É verdade que o Espiritismo combate certas crenças, tais como a eternidade das penas, o fogo material do inferno, a personalidade do diabo, etc. Mas também é certo que essas crenças, impostas como absolutas, só tem gerado incrédulos, em todos os tempos e ainda hoje, Ao dar a esses dogmas e alguns outros uma interpretação racional, o Espiritismo reconduz à fé os que dela se afastaram, prestando, deste modo, um serviço à religião. É por isso que um venerável eclesiástico dizia a este respeito: “ O Espiritismo faz crer em alguma coisa; ora, mas vale crer em alguma coisa do que não crer absolutamente em nada”.

Não sendo os Espíritos senão as almas dos homens, não se pode negar os Espíritos sem negar a alma. Admitidas as almas ou Espíritos, a questão, reduzida à sua expressão mais simples, é esta: “As almas dos que morreram podem comunicar-se com os vivos?” O Espiritismo responde pela afirmativa e o prova por fatos materiais. Que prova se poderá dar de que isso não é possível? Se é, todas as negações do mundo não impedirão que assim seja, desde que não se

satisfaça à sua razão” (Vide o trecho final da nota de rodapé nº 18, à pág. 120 deste livro)

Allan Kardec

trata nem de um sistema, nem de uma teoria, mas de uma lei da Natureza. Ora, contra as leis da Natureza a vontade do homem é impotente. Querendo ou não, não há como deixar de aceitar as suas conseqüências e a elas conformar as nossas crenças e hábitos.

Resumo do Ensino dos Espíritos



1 – Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas. É eterno, único, imaterial, imutável, todo-poderoso, soberanamente justo e bom. Há que ser infinito em todas as suas perfeições, porquanto, supondo imperfeito um só de seus atributos, Ele já não seria Deus.

2 – Deus criou a matéria, que constitui os mundos. Também criou os seres inteligentes, que chamamos Espíritos, encarregados de administrar os

Allan Kardec

mundos materiais, segundo as leis imutáveis da criação, e que são perfectíveis por natureza. Aperfeiçoando-se, eles se aproximam da Divindade.

3 – O Espírito, propriamente dito, é o princípio inteligente. Sua natureza íntima nos é desconhecida.

Para nós, é imaterial, porque não tem qualquer analogia com o que chamamos matéria.

4 – Os Espíritos são seres individuais. Têm um invólucro etéreo, imponderável, chamado perispírito, espécie de corpo fluídico, tipo de forma humana. Povoam o espaço e o percorrem com a rapidez do relâmpago. Constituem o mundo invisível.

5 – A origem e o modo de criação dos Espíritos nos são desconhecidos. Sabemos apenas que são criados simples e ignorantes, isto é, sem ciência e sem conhecimento do bem e do mal, mas com igual aptidão para tudo, porquanto Deus, em sua justiça, não podia isentar a uns do trabalho que impusesse a outros para chegarem à perfeição. No princípio, eles se acham numa espécie de infância, sem vontade própria e sem consciência perfeita de sua existência.

6 – o livre-arbítrio se desenvolve nos Espíritos ao mesmo tempo que as idéias. Deus lhes diz: “ Podeis todos aspirar à suprema felicidade, quando houverdes adquirido os conhecimentos que vos faltam

Allan Kardec

e desempenhado a tarefa que vos imponho. Trabalhai, pois, pelo vosso adiantamento: essa é a meta; Alcançá-la-eis seguindo as leis que gravei na vossa consciência”.

Em consequência do livre-arbítrio, uns tomam o caminho mais curto, que é o do bem; outros o mais longo, que é o do mal.

7 – deus não criou o mal. Estabeleceu leis e estas são sempre boas, porque Ele é soberanamente bom.

Aquele que as observasse fielmente seria perfeitamente feliz; mas, dotados do livre-arbítrio, os Espíritos nem sempre as observam, sendo o mal o resultado de sua desobediência. Pode, pois, dizer-se que o bem é tudo que é conforme à lei de deus e o mal tudo o que é contrário a essa mesma lei.

8 – Para concorrerem, como agentes da potencia divina, a obra dos mundos materiais, os espíritos se revestem, temporariamente, de um corpo material. Pelo trabalho necessário à sua existência corporal, eles aperfeiçoam a inteligência e adquirem, pela observância da lei de Deus, os méritos que os devem conduzir à felicidade eterna.

9 – A encarnação não foi imposta ao Espírito, no principio, como punição. Ela é necessária ao seu

Allan Kardec

desenvolvimento e à execução das obras de Deus, e todos devem sofrê-la, quer tomem o caminho do bem ou o do mal. Simplesmente os que seguem o do bem avançam mais depressa, gastam menos tempo para chegar ao fim e o alcançam em condições menos penosas.

10 – Os espíritos encarnados constituem a Humanidade, que não se circunscreve à Terra, mas que povoa todos os mundos disseminados no espaço.

11 – A alma do homem é um Espírito encarnado. Para secunda-lo no desempenho de sua tarefa, Deus lhe deu, como auxiliares, os animais que lhe estão submetidos e cuja inteligência e caráter são compatíveis com as suas necessidades.

12 – O aperfeiçoamento do Espírito é fruto do seu próprio trabalho. Não podendo, numa só existência corporal, adquirir todas as qualidades morais e intelectuais que o hão de conduzir ao objetivo, ele o alcança por uma sucessão de existências, em cada uma das quais dá alguns passos para frente, no caminho do progresso.

13 – Em cada existência corporal, o Espírito deve desempenhar uma tarefa proporcionada ao seu desenvolvimento; quanto mais rude e laboriosa, tanto maior o mérito em realiza-la. Assim, cada existência é

Allan Kardec

uma prova, que o aproxima do fim. O número dessas existências é indeterminado. Depende da vontade do Espírito que esse número seja reduzido, trabalhando ativamente pelo seu progresso moral, assim como depende da vontade do operário, obrigado a realizar certo trabalho, reduzir o número de dias que empregue em executá-lo.

14 – Quando uma existência foi mal-empregada, fica sem proveito para o Espírito, que tem de recomeçá-la em condições mais ou menos penosas, em razão de sua negligência e má vontade. É assim que, na vida, podemos ser constrangidos a fazer no dia seguinte o que não fizemos na véspera.

15 – A vida espiritual é a vida normal do Espírito: é eterna. A vida corporal é transitória e passageira: não passa de um instante na eternidade.

16 – No intervalo de suas existências corporais, o Espírito é errante. A erraticidade não tem duração determinada. Nesse estado, o espírito é feliz ou desgraçado, conforme o bom ou mau uso que fez de sua última existência; estuda as causas que apressaram ou retardaram o seu adiantamento; toma as resoluções que procurará pôr em prática na sua próxima encarnação e escolhe as provas que lhe pareçam mais apropriadas ao seu adiantamento. Entretanto, algumas

Allan Kardec

vezes se engana, ou sucumbe, não levando em conta as resoluções que tomou como Espírito.

17 - O Espírito culpado é punido por meio de sofrimentos morais no mundo dos Espíritos e, na vida corporal, pelos sofrimentos físicos. Suas aflições são conseqüências de suas faltas, isto é, das suas infrações à lei de Deus, de sorte que constituem, ao mesmo tempo, uma expiação do passado e uma prova pra o futuro. É assim que o orgulhoso poderá vir a ter uma existência de humilhação, o tirano uma de servidão, o mau rico uma de miséria.

18 – Há mundos apropriados aos diferentes graus de adiantamento dos Espíritos e onde a existência corporal se apresenta em condições muito diferentes. Quanto menos adiantado é o Espírito, tato mais pesado e material é o corpo que o reveste. À medida que se purifica, passa para mundos superiores, moral e fisicamente. A Terra não é o primeiro, nem o último, porém um dos mais atrasados.

19 – Os Espíritos culpados encarnam nos mundos menos adiantados, onde expiam suas faltas pelas tribulações da vida material. Para eles, esses mundos são verdadeiros purgatórios, deles dependendo deixa-los mais cedo ou mais tarde, conforme trabalhem

Allan Kardec

pelo seu próprio aperfeiçoamento moral. A Terra é um desses mundos.

20 – Sendo soberanamente justo e bom, Deus perdoa, mas exige o arrependimento, a reparação e o retorno ao bem, de sorte que a duração do castigo é proporcionada à persistência do Espírito no mal. Por conseguinte, o castigo só seria eterno para aquele que eternamente permanecesse no mau caminho. Desde, porém, que um lampejo de arrependimento penetre o coração do culpado. Deus estende sobre ele a sua misericórdia. A eternidade das penas deve, pois, entender-se num sentido relativo e não em sentido absoluto.

21 – Ao encarnarem, os Espíritos trazem consigo o que adquiriram em suas precedentes existências. Essa a razão pela qual os homens mostram instintivamente aptidões especiais, pendores bons ou maus, que neles parecem inatos.

Os maus pendores naturais são resquícios das imperfeições de que o Espírito ainda não se despojou; são também indícios das faltas que cometeu, o verdadeira pecado original. Em cada existência, tem ele que se lavar de algumas impurezas.

22 – O esquecimento das existências anteriores é um benefício concedido por Deus que, eu sua

Allan Kardec

bondade, quis poupar ao homem recordações quase sempre penosas. Em cada nova existência, o homem é o que ele mesmo se fez: para ele cada uma deles é um novo ponto de partida; conhece seus efeitos atuais, sabe que esses defeitos são a consequência dos que tinha antes e daí conclui o mal que possa ter cometido. Isto é suficiente para que trabalhe por se corrigir. Se outrora teve defeitos de que já se livrou, não tem mais que se preocupar com eles; basta as suas imperfeições presentes.

23 – Se a alma não viveu antes, é que foi criada ao mesmo tempo que o corpo. Nessa hipótese, nenhuma relação pode haver entre ela e as que a precederam. Pergunta-se, então, como é que Deus, que é soberanamente justo e bom, a tenha responsabilizado pela falta do pai do gênero humano, maculando-a com o pecado original que ela não cometeu. Dizendo-se, ao contrário, que traz ao renascer o gérmen das imperfeição de suas existências inferiores, que sofrem na existência atual, as consequências de suas faltas passadas, dá-se do pecado original uma explicação lógica, que todos podem compreender e admitir, porque a alma só é responsável por suas próprias obras.

Allan Kardec

24 – A diversidade das aptidões inatas, morais e intelectuais, é a prova de que a alma já viveu. Se houvesse sido criada ao mesmo tempo que o seu corpo atual, não estaria conforma a bondade de Deus o tê-las feito umas mas adiantadas do que outras. Por que selvagens e homens civilizados, bons e maus, tolos e inteligentes? Dizendo-se que uns têm vivido mais do que outros e adquiriram mais do que estes, tudo se explica.

25 – Se a existência atual fosse única e só ela devesse decidir do futuro da alma na eternidade, qual seria a sorte das crianças que morrem em tenra idade. Não tendo feito bem, nem mal, não merecendo recompensas, nem punições. Sendo cada um recompensado segundo suas obras, conforme palavras do Cristo, elas não têm direito à perfeita felicidade dos anjos, nem merecem ficar privadas dessa felicidade. Dizei que poderão, noutra existência, realizar o que não puderam fazer na que foi abreviada e não mais haverá exceções.

26 – Pelo mesmo motivo, qual seria a sorte dos cretinos e dos idiotas? Não tendo nenhuma consciência do bem e do mal, também não têm nenhuma responsabilidade de seus atos. Deus seria junto e bom se tivesse criado almas estúpidas para vota-las a uma

Allan Kardec

existência miserável e sem compensação? Admiti, ao contrário, que a alma do cretino e do idiota é um Espírito em punição num corpo impróprio a transmitir o seu pensamento, no qual se acha como um homem comprimido por fortes laços, e nada aí tereis que não seja conforme à justiça de Deus.

27 – Mediante essas encarnações sucessivas, o Espírito, tendo-se despojado pouco a pouco de suas impurezas e se aperfeiçoado pelo trabalho, chega ao termo de suas existências corporais. Passa então a pertencer à ordem dos Espíritos puros ou anjos, e goza ao mesmo tempo da visão completa de Deus e de uma felicidade sem mescla, por toda a eternidade.

28 - Sendo os homens Espíritos em expiação na Terra, Deus, como bom pai, não os deixa entregues a si mesmos, sem guias. Em primeiro lugar, eles têm os seus Espíritos protetores, ou anjos da guarda, que por eles velam e se esforçam por conduzi-los ao bom caminho; têm ainda os Espíritos em missão na Terra, Espíritos Superiores que de vez em quando encarnam entre eles para, pelos seus trabalhos, lhes iluminarem a estrada, fazendo avançar a Humanidade. Embora Deus haja gravado sua lei na consciência, julgou por bem formulá-la explicitamente. Primeiro lhes enviou Moisés; mas as leis de Moisés eram apropriadas aos

Allan Kardec

homens de seu tempo. Ele não falou senão da vida terrena, de penas e recompensas temporais. Veio em seguida o Cristo completar a lei de Moisés, por meio de um ensino mais elevado: a pluralidade das existências², a vida espiritual, as penas e recompensas morais, Moisés os conduziu pelo temor, o Cristo pelo amor e pela caridade.

29 – O Espiritismo, melhor compreendido hoje, acrescenta, para os incrédulos, a evidencia à teoria. Prova o futuro por fatos patentes; diz em termos claros e inequívocos o que o Cristo disse por parábolas; explica as verdades desconhecidas ou falsamente interpretadas; revela a existência do mundo invisível ou dos Espíritos e inicia o homem nos mistérios da vida futura; vem combater o materialismo, que é uma revolta contra o poder de Deus. Vem, finalmente, estabelecer entre os homens o reinado da caridade e da solidariedade, anunciado pelo Cristo. Moisés lavrou, o Cristo semeou, o Espiritismo vem colher.

30 – O Espiritismo não é uma luz nova, mas uma luz mais brilhante, porque surge de todos os pontos do globo, por intermédio dos que viveram. Tornando evidente o que era obscuro, põe termo às

² Nota de AK. – Evangelho de Mateus, 17:10 e seguintes – João 3:3 e seguintes.

Allan Kardec

interpretações errôneas e deve ligar os homens a uma única crença, porque só há um Deus e porque suas leis são as mesmas para todos. Enfim, assinalará a era predita pelo Cristo e pelos profetas.

31 – Os males que afligem os homens na Terra têm por causa o orgulho, o egoísmo e todas as más paixões. Pelo contato de seus vícios, os homens se tornam reciprocamente desgraçados e se punem uns aos outros. Se a caridade e a humildade substituírem o egoísmo e o orgulho, eles não mais buscarão prejudicar-se mutuamente. Respeitarão os direitos de cada um e farão que reinem entre si a concórdia e a justiça.

32 – Mas, como destruir o egoísmo e o orgulho, que parecem inatos no coração do homem? – O egoísmo e o orgulho existem no coração do homem porque estes são Espíritos que desde o princípio seguiram o caminho do mal e foram exilados para a Terra, punidos por aqueles mesmos vícios; é esse ainda o pecado original de que muitos ainda não se despojaram. Pelo Espiritismo, Deus vem fazer um último apelo à prática da lei ensinada pelo Cristo: a lei de amor e caridade.

33 – Tendo a Terra chegado ao tempo marcado para que se torne morada de paz e felicidade, Deus não

Allan Kardec

quer que os maus Espíritos encarnados continuem a causar-lhe perturbação, em prejuízo dos bons; é por isso que deverão desaparecer. Irão expiar o endurecimento de seus corações em mundos menos adiantados, onde trabalharão novamente pelo aperfeiçoamento, numa série de existências ainda mais desgraçadas e mais penosas do que na Terra.

Formarão nesses mundos uma nova raça mais esclarecida e cuja tarefa será fazer que progridam os seres atrasados que os habitam, auxiliados pelos conhecimentos que já adquiriram. De lá só sairão para um mundo melhor quando o houverem merecido e assim por diante, até que tenham alcançado a completa purificação. Se a Terra, para eles, era purgatório, esses mundos serão seus infernos, mas infernos donde a esperança jamais é banida,

34 – Ao passo que a geração proscrita vai desaparecer rapidamente, uma nova geração surge, cujas crenças se fundarão no Espiritismo cristão. Assistimos à transição que se opera, prelúdio da renovação moral, cujo advento o do Espiritismo marca.

Allan Kardec

*Máximas Extraídas do Ensino dos
Espíritos*

35 – O fim essencial do Espiritismo é tornar melhores os homens. Nele não se procure senão o que possa concorrer para o seu progresso moral e intelectual.

36 – O verdadeiro espírita não é o que crê nas manifestações, mas aquele que aproveita do ensino dado pelos Espíritos. De nada adianta acreditar, se a crença não o levar a dar um passo à frente no caminho do progresso e não o tornar melhor para com o seu próximo.

37 – O egoísmo, o orgulho, a vaidade, a ambição, a cupidez, o ódio, a inveja, o ciúmes, a

Allan Kardec

maledicência são, para a alma, ervas venenosas, das quais é preciso, todos os dias, arrancar alguns brotos e que têm por antídoto a caridade e a humildade.

38 – A crença no Espiritismo só é proveitosa àquele de quem se pode dizer: Vale mais hoje do que ontem.

39 – A importância que o homem liga aos bens temporais está na razão inversa da sua fé na vida espiritual. É a dúvida quanto ao futuro que o leva a procurar suas alegrias neste mundo, satisfazendo às suas paixões, ainda que à custa de seu próximo.

40 – As aflições terrenas são os remédios da alma. Salvam-na para o futuro, como uma dolorosa operação cirúrgica salva a vida de um doente e lhe restitui a saúde. Eis por que o Cristo disse: “ Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados”.

41 – nas vossas aflições olhai para baixo e não para cima. Pensai nos que sofrem mais do que vós.

42 – O desespero é natural naquele que crê que tudo acaba com a vida do corpo. É um insensatez naquele que tem fé no futuro.

43 – Muitas vezes o homem é o artífice de sua própria desgraça neste mundo. Que remonte à fonte de seus infortúnios e verá que estes, em sua maior parte, resultam da sua imprevidência, do seu orgulho e da sua

Allan Kardec

avidez e, por conseguinte, das suas infrações às leis de Deus.

44 – A prece é um ato de adoração. Orar a Deus é pensar nele; é aproximar-se dele. É pôr-se em comunicação com Ele.

45 – Aquele que ora com fervor e confiança é mais forte contra as tentações do mal e Deus lhe envia bons Espíritos para o assistir. É um socorro jamais recusado quando pedido com sinceridade.

46 – O essencial não é orar muito, mas orar bem. Certas pessoas julgam que todo mérito está na extensão da prece, enquanto fecham os olhos aos seus próprios defeitos. Para elas a prece é uma ocupação, um meio de empregarem o tempo, mas não um estudo de si mesmas.

47 – Aquele que pede a Deus o perdão de suas faltas não o obtém senão mudando de comportamento. As boas ações são a melhor prece, porquanto os atos valem mais do que as palavras.

48 – A prece é recomendado por todos os bons Espíritos. Todos os Espíritos imperfeitos a pedem como meio de alívio para seus sofrimentos.

49 - A prece não pode mudar os decretos da Providência. Os Espíritos sofredores, porém, vendo que por eles nos interessamos, sentem-se menos

Allan Kardec

desamparados e monos infelizes. Ela lhes levanta o ânimo e excita neles o desejo de se elevarem pelo arrependimento e pela reparação pode desviá-los de pensarem no mal. Neste sentido é que não somente lhes pode dar alívio, como também abreviar seus sofrimentos.

50 – Ore cada um segundo suas convicções e do modo que julgue mais conveniente, porquanto a forma nada vale e o pensamento é tudo. A sinceridade e a pureza de intenção, eis o essencial. Um bom pensamento vale mais do que grande número de palavras, que se assemelham ao ruído de um moinho, mas onde o coração em nada toma parte.

51 – Deus fez os homens fortes e poderosos para serem o amparo dos fracos. O forte que oprime o fraco é maldito de Deus. Muitas vezes recebe seu castigo nesta vida, sem prejuízo dos reservados ao futuro.

52 – S fortuna é um depósito cujo possuidor é apenas usufrutuário, desde que não a leva consigo para o túmulo. Prestará severas contas do emprego que lhe tiver dado.

53 – A fortuna é uma prova mais arriscada do que a miséria, porque é uma tentação para o abuso e os

Allan Kardec

excessos e porque é mais difícil ser-se moderado do que resignado.

54 – o ambicioso que triunfa e o rico que se compraz nos gozos materiais são mais passíveis de compaixão do que de inveja, pois é preciso levar em conta o reverso. O Espiritismo, pelos terríveis exemplos dos que viveram e que vêm revelar sua sorte, mostra a verdade destas palavras do Cristo: “Aquele que se elevar será humilhado e aquele que se humilhar será exaltado”;

55 – A caridade é a lei suprema do Cristo: “Amái-vos uns aos outros como irmãos; - amái ao vosso próximo como a vós mesmos; - perdoai aos vossos inimigos; - não façais aos outros o que não quereríeis que vos fizessem”. Tudo isso se resume na palavra caridade.

56 – A caridade não consiste apenas na esmola. Há caridade por pensamentos, palavras e obras. É caridoso por pensamentos aquele que é indulgente para as faltas do seu próximo; caridoso por palavras o que nada diz que possa prejudicar ao seu próximo; caridoso por obras quem, na medida de suas forças, assiste o seu próximo.

57 – O pobre que reparte o seu pedaço de pão com um outro mais pobre do que ele é mais caridoso e

Allan Kardec

tem mais mérito aos olhos de deus do que aquele que dá do que lhe sobra, sem de nada se privar.

58 – Quem quer que nutra contra o seu próximo, sentimentos de animosidade, de ódio, de ciúmes e de rancor, falta à caridade; mente, se se diz cristão, e ofende a Deus.

59 – Homens de todas as castas, de todas as seitas e de todas as cores, sois todos irmãos, porquanto Deus a todos vos chama a si. Estendei-vos, pois, as mãos, seja qual for a maneira por que o adoreis, e não vos lanceis anátema uns aos outros, visto que o anátema é a violação da lei da caridade proclamada pelo Cristo.

60 – Com o egoísmo, os homens vivem em luta perpétua; com a caridade viverão em paz. Só a caridade, servindo de base às suas instituições, lhes assegurará a felicidade neste mundo. Segundo as palavras do Cristo, só ela também lhes pode assegurar a felicidade, porque encerra implicitamente todas as virtudes que os podem conduzir à perfeição. Com a verdadeira caridade, tal como a ensinou e praticou Jesus, nem ciúme, nem maledicência, nem apego exagerado aos bens deste mundo Eis por que o Espiritismo cristão tem por máxima: “Fora da caridade não há salvação”.

Allan Kardec

Incrédulos! Podeis rir dos espíritos, zombar dos que crêem nas suas manifestações. Ride, pois, se ousardes, desta máxima que eles vêm ensinar e que constitui a vossa própria salvaguarda, porquanto, se a caridade desaparecesse da face da Terra, os homens se entre devorariam e vós serieis, talvez, as primeiras vítimas. Não está longe o tempo em que esta máxima, proclamada abertamente em nome dos Espíritos, será um penhor de segurança e um título à confiança em todos os que trouxerem gravada em seus corações.

Disse um Espírito: “Zombaram das mesas girantes; jamais zombarão da filosofia e da moral que delas decorre”. Com efeito, passados apenas alguns anos, já estamos longe desses primeiros fenômenos que, por instante, serviram de distração aos ociosos e aos curiosos. Dizeis que essa moral é antiquada: “Os Espíritos deveriam ter bastante espírito para nos darem alguma coisa nova”. (Frase espirituosa de mais de um crítico.) Tanto melhor, se ela é antiquada! Isso prova que é de todos os tempos, sendo mais culpados os homens por não a terem praticado, visto que só as verdadeiras verdades são eternas.

Allan Kardec

O Espiritismo vem recordar-lhes essa moral, não por meio de uma revelação isolada, feita a um só homem, mas pela voz dos próprios espíritos que, semelhante à trombeta final, vem lhes clamar: “Crede que aqueles a quem chamais de mortos estão mais vivos do que vós, porque vêem o que não vedes e ouvem o que não ouvis. Reconhecei, nos que vos vêm falar, os vossos parentes e amigos, todos aqueles a quem amastes na Terra e que julgáveis perdidos para sempre. Ai dos que pensam que tudo acaba com o corpo pois serão cruelmente desenganados. Ai dos que houverem faltado com a caridade, porque suportarão tudo quanto tiverem feito suportar os outros! Escutai a voz dos que sofrem e que vos vêm dizer: “Sofremos por havermos desconhecido o poder de Deus e duvidado da sua infinita misericórdia; sofremos por causa do nosso orgulho, do nosso egoísmo, da nossa avareza e de todas as paixões más que não soubermos reprimir. Sofremos por tido o mal que fizemos aos nossos semelhantes, pelo esquecimento da lei de caridade”.

Incrédulos! Dizei se é risível uma doutrina que ensina semelhantes coisas, se é boa ou má. Mesmo considerando-a somente do ponto de vista da ordem

Allan Kardec

social, dizei se os homens que a praticassem seriam felizes ou infelizes, melhores ou piores!

Allan Kardec

ALLAN KARDEC

I

Resumo da lei

DOS FENÔMENOS ESPÍRITAS

PARIS – ABRIL DE 1864

Allan Kardec

Observações Preliminares

As pessoas estranhas ao Espiritismo, por não lhes compreenderem o objetivo nem os meios, quase sempre fazem dele um idéia completamente falsa. O que lhes falta, sobretudo, é o conhecimento do princípio, a explicação primeira dos fenômenos. Por falta desta chave, o que vêem e ouvem não tem qualquer proveito e nem mesmo lhes interessa. É fato constatado pela experiência que a simples vista ou relato dos fenômenos não basta para convencer.

Allan Kardec

Aquele mesmo que testemunha fatos capazes de o confundir, fica mais admirado que convencido; quanto mais extraordinário lhe parece o efeito, tanto mais o suspeita. Somente um estudo prévio, sério, pode levá-lo à convicção, e isto muitas vezes é suficiente para mudar inteiramente o curso de suas idéias. Em todo o caso, tal estudo é indispensável para a compreensão dos mais simples fenômenos. Na falta de uma instrução completa, bastará um resumo sucinto da lei que rege as manifestações, para que a coisa seja encarada em sua verdadeira luz pelas pessoas ainda não iniciadas. É a primeira baliza que damos na breve instrução a seguir.

Esta instrução é feita tendo em vista, sobretudo, as pessoas que nenhuma noção possuem do Espiritismo. Nos grupos ou reuniões espíritas, nos quais se encontram assistentes novatos, ela pode servir utilmente de preâmbulo às sessões, conforme as necessidades.

Allan Kardec

I Dos Espíritos

1. O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, consiste nas relações que se podem estabelecer com os Espíritos; como filosofia, compreende todas as conseqüências morais decorrentes dessas relações.

2. Os Espíritos não são, como muitas vezes se imagina, seres à parte na criação; são as almas dos homens que viveram na Terra ou em outros mundos.

Allan Kardec

As almas ou Espíritos são, pois, um só e mesma coisa; donde se segue que quem quer que creia na existência da alma, por isso mesmo crê na dos Espíritos. Negar os Espíritos seria negar a alma.

3. Em geral se faz uma idéia muito falsa do estado dos espíritos. Eles não são, como alguns pensam, seres vagos e indefinidos, nem chamados, como fogos-fátuos, nem fantasmas, como nos contos de aparições. São seres semelhantes a nós, possuindo um corpo como o nosso, mas fluídico e invisível em estado normal.

4. Quando a alma está unida ao corpo durante a vida, tem um envoltório duplo: um pesado, grosseiro e destrutível, que é o corpo físico; outro fluídico, leve e indestrutível, chamado perispírito. O perispírito é o laço que une a alma ao corpo; é por seu intermédio que a alma faz o corpo agir e perceber as sensações que este experimenta.

5. A morte é a destruição do invólucro corporal. A alma o abandona como quem deixa uma roupa usada, ou como a borboleta, que deixa a sua crisálida; mas conserva o seu corpo fluídico, ou perispírito.

A morte do corpo liberta o Espírito do envoltório que o prendia à Terra e o fazia sofrer. Uma vez livre desse fardo, tem apenas o seu corpo etéreo,

Allan Kardec

que lhe faculta percorrer o espaço e transpor distâncias com a rapidez do pensamento.

6. Os Espíritos povoam o espaço. Constituem o mundo invisível que nos rodeia, em meio do qual vivemos, e com o qual estamos em contato incessante.

7. Os Espíritos possuem todas as percepções que tinham na Terra, porém em grau mais elevado, porque suas faculdades não são amortecidas pela matéria; têm sensações que nos são desconhecidas; vêem e ouvem coisas que os nossos sentidos limitados não nos permitem ver nem ouvir. Para eles não há escuridão, salvo para aqueles cuja punição é ficarem temporariamente nas trevas. Repercutindo nos Espíritos todos os nossos pensamentos, eles os lêem como num livro aberto, de sorte que aquilo que podíamos ocultar a alguém durante a vida, não o podemos mais, desde o momento em que nos tornamos Espíritos.

8. Os Espíritos conservam as afeições sérias que tinham na Terra. Sentem prazer em buscar aqueles a quem amaram, sobretudo quando atraídos pelo pensamento e pelos sentimentos afetuosos que lhes consagram, ao passo que são indiferentes para os que só lhes votam indiferença.

Allan Kardec

9. Uma idéia mais ou menos geral entre as pessoas que não conhecem o Espiritismo é crer que os Espíritos, apenas porque estão desprendidos da matéria, devem saber tudo e possuir a soberana sabedoria. Isto é um erro grave.

Não sendo os Espíritos mais que as almas dos homens, não adquiriram a perfeição ao deixarem o seu invólucro terrestre. O progresso do Espírito só se realiza com o tempo e não é senão aos poucos que ele se despoja de suas imperfeições e adquire os conhecimentos que lhe faltam. Seria igualmente ilógico admitir que o Espírito de um selvagem, ou de um criminoso, de repente se tornasse culto e virtuoso, como seria contrário à justiça de Deus imaginar que aquele permanecesse em perpétua inferioridade.

Assim como há homens de todos os graus de saber e de ignorância, de bondade e de malvadez, também os há entre os Espíritos. Existem os que são levianos e brincalhões; os que são mentirosos, velhacos, hipócritas, maus e vingativos; outros, ao contrário, possuem as mais sublimes virtudes e o saber em grau desconhecido na Terra. Essa diversidade na qualidade dos Espíritos é um dos pontos mais importantes a considerar, pois explica a natureza boa ou má das comunicações que se recebem. É sobretudo

Allan Kardec

em distingui-los que nos devemos empenhar. (O Livro dos Espíritos nº 100, “ Escala Espírita”. – O Livro dos Médiuns, Capítulo XXIV.)

I I Manifestação dos Espíritos

10. Os Espíritos podem manifestar-se de muitas maneiras diferentes: pela visão, audição, tato, por ruídos, movimentos de corpos, escrita. Desenho, música, etc. Manifestam-se por meio de pessoas dotadas de uma aptidão especial para cada gênero de manifestação, conhecidas pelo nome de médium. É assim que se distinguem os médiuns videntes, falantes, audientes, sensitivos, de efeitos físicos, desenhistas, tiptologistas, escreventes etc. Entre os médiuns

Allan Kardec

escreventes há numerosas variedades, conforme a natureza das comunicações que eles são aptos a receber.

11. O fluído que compõe o perispírito penetra todos os corpos e os atravessa, como a luz atravessa os corpos transparentes; nenhuma matéria lhe constitui obstáculo. É por isso que os Espíritos penetram em toda a parte, nos lugares mais hermeticamente fechados. É uma idéia ridícula crer que eles entrem por uma pequena abertura, como um buraco de uma fechadura ou o tubo de chaminé.

12. Embora invisível para nós em seu estado normal, o perispírito não deixa de ser matéria etérea. Em certos casos o Espírito pode fazê-lo sofrer um espécie de modificação molecular, que o torna visível e mesmo tangível; é assim que se produzem as aparições. Esse fenômeno não é mais extraordinário que o do vapor, invisível quando muito rarefeito, e que se torna visível quando condensado.

Os Espíritos que se tornam visíveis apresentam-se quase sempre sob a aparência que tinha em vida, o que permite sejam reconhecidos.

13. É com o auxílio de seu perispírito que o Espírito age sobre o corpo vivo; e é ainda com esse mesmo fluído que ele se manifesta, agindo sobre a

Allan Kardec

matéria inerte, produzindo ruídos, movimentos das mesas e de outros objetos, que levanta, derruba ou transporta. Esse fenômeno nada tem de surpreendente se considerarmos que, entre nós, os mais potentes motores se acham nos fluidos mais rarefeitos, mesmo, imponderáveis, como o ar, o vapor e a eletricidade.

É igualmente com o auxílio do seu perispírito que o Espírito faz que os médiuns escrevam, falem ou desenhem. Não tendo corpo tangível para agir ostensivamente quando quer manifestar-se, serve-se do corpo do médium, de cujos órgãos se apodera, fazendo-os agir como se fossem seu próprio corpo, e isto pelo eflúvio fluídico, que sobre ele derrama.

14. No fenômeno designado sob o nome de mesas girantes ou falantes, é pelo mesmo processo que o Espírito age sobre a mesa, quer para movê-la sem significação determinada, quer para fazê-la dar batidas inteligentes, indicando as letras do alfabeto, para formar palavras e frases, fenômeno designado pelo nome de tiptologia. Aí a mesa não passa de um instrumento, de que ele se serve, como do lápis para escrever. Dá-lhe uma vitalidade momentânea, pelo fluido com que a penetra, mas não se identifica com ela. As pessoas que, emocionadas, ao verem manifestar-se um ser que lhes é caro, beijam a mesa,

Allan Kardec

cometem um ato ridículo, porque é absolutamente como se beijassem o bastão de que o amigo se serve para dar batidas. Acontece o mesmo com as que dirigem a palavra à mesa, como se o Espírito estivesse encerrado na madeira, ou como se esta tivesse se tornado Espírito.

Quando ocorrem comunicações por esse meio, é preciso imaginar o Espírito não na mesa, mas ao lado, tal como em vida e como seria visto se, nesse momento, se tornasse visível. Dá-se o mesmo nas comunicações pela escrita; ver-se-ia o Espírito ao lado do médium, dirigindo-lhe a mão ou lhe transmitindo o pensamento por uma corrente fluídica.

15. Quando a mesa se afasta do solo e flutua no espaço, sem ponto de apoio, o Espírito não a levanta pela força do braço, mas a envolve e a penetra de uma espécie de atmosfera fluídica, que neutraliza a ação da gravidade, como faz o ar com os balões e papagaios de papel. O fluído de que é penetrada lhe dá o momentaneamente uma maior leveza específica. Quando cravada no solo, está no caso da campânula pneumática, sob a qual se faz o vácuo. São apenas comparações, para mostrar a analogia dos efeitos, e não a similitude absoluta das causas.

Allan Kardec

Depois disso, compreende-se que ao Espírito não é mais difícil levantar uma pessoa do que erguer uma mesa, transportar um objeto de um a outro lugar ou atira-lo em qualquer parte. Esses fenômenos são produzidos pela mesma lei.

Quando a mesa persegue alguém, não é o Espírito que corre, pois pode ficar tranquilamente no mesmo lugar, mas lhe dá o impulso por uma corrente fluídica, com o auxílio do qual a faz mover-se à vontade.

Quando as batidas são ouvidas na mesa ou alhures, o Espírito não bate com a mão, nem com um objeto qualquer; dirige um jato fluídico sobre o ponto de onde parte o ruído, produzindo o efeito de um choque elétrico. Modifica o ruído, como se pode modificar os sons produzidos pelo ar,

16. A escuridão necessária a produção de certos efeitos físicos sem dúvida se presta à suspeição e à fraude, mas nada prova contra a possibilidade do fato. Sabe-se da existência de combinações químicas que não podem operar-se à luz; que ocorrem composições e decomposições sob a ação do fluído luminoso. Ora como todos os fenômenos espíritas resultam da combinação dos fluídos próprios do Espírito e do médium, e sendo materiais esses fluídos, nada há de

Allan Kardec

surpreendente que, em certos casos, o fluído luminoso seja contrário a esta combinação.

17. Os Espíritos Superiores só se ocupam das comunicações inteligentes, tendo em vista a nossa instrução. As manifestações físicas ou puramente materiais são atribuídas muito especialmente aos Espíritos inferiores, vulgarmente designados sob o nome de Espíritos batedores, como, entre nós, os golpes de mágica são próprios dos saltimbancos, e não dos cientistas.

18. Os Espíritos são livres. Comunicam-se quando querem e a quem lhes convém e, também, quando podem, pois nem sempre isso lhes é possível. Não estão às ordens e ao capricho de quem quer que seja, e a ninguém é dado fazê-los vir contra a vontade, nem a dizer o que querem calar. Daí por que ninguém pode afirmar que um Espírito qualquer virá a seu apelo em determinado momento, ou responderá a esta ou àquela pergunta. Dizer ao contrário é prova de absoluta ignorância dos princípios mais elementares do Espiritismo. Só o charlatanismo tem fontes infalíveis.

19. Há pessoas que obtém regularmente e, certo modo, à vontade, a produção de alguns fenômenos, menos. Contudo, é de notar-se que são efeitos puramente físicos, mais curiosos que instrutivos e que

Allan Kardec

se produzem constantemente em condições análogas. As condições nas quais são susceptíveis de inspirar dúvidas sobre a sua realidade, tanto mais legítimas quanto em geral são objeto de exploração, sendo difícil, muitas vezes, distinguir-se a mediunidade real da prestidigitação. Fenômenos de tal gênero podem, no entanto, resultar de uma mediunidade verdadeira, porque é possível que Espíritos de baixa categoria, que em vida fizeram disto uma profissão, se deleitem nesse tipo de exibições. Mas seria absurdo pensar que Espíritos de certa elevação se divertissem em ostentarse.

Isso não infirma absolutamente o princípio de liberdade dos Espíritos. Os que assim vêm o fazem porque isso lhes agrada, e não porque sejam constrangidos. Desde que a sua vinda não mais lhes convenha, nenhum efeito se produzirá, mesmo que o indivíduo seja verdadeiramente médium. Os mais poderosos médiuns de efeitos físicos passam por períodos de interrupção de sua faculdade, independente de sua vontade. Isso jamais acontece com os charlatões.

Aliás, mesmo supondo reais supondo reais, esses fenômenos não passam de uma aplicação muito parcial da lei que rege as relações do mundo corporal

Allan Kardec

com o mundo espiritual. Mas, em si mesmo, não constituem o Espiritismo, de sorte que a sua negação não invalida absolutamente os princípios gerais da Doutrina.

20. Certas manifestações espíritas se prestam mais facilmente a uma imitação mais ou menos grosseira. Mas, por terem sido exploradas, como tantos outros fenômenos, pela astúcia e pela prestidigitação, seria absurdo concluir que não existam. Para quem estuda e conhece as condições normais em que podem produzir-se, é fácil distinguir a imitação da realidade. Aliás, a imitação jamais seria completa e não pode iludir senão o ignorante, incapaz de perceber as nuances características do fenômeno verdadeiro.

21. As manifestações mais fáceis de imitar são certos efeitos físicos e os efeitos inteligentes vulgares, tais como os movimentos, as batidas, os transportes, a escrita direta, as respostas banais, etc. Já não sucede o mesmo com as comunicações inteligentes de elevado alcance, ou da revelação de coisas notoriamente desconhecidas pelo médium. Para imitar os primeiros, basta habilidade; para simular os outros, seria preciso, quase sempre, uma instrução pouco comum, um superioridade intelectual excepcional e uma faculdade

Allan Kardec

de improvisação a bem dizer universal, ou o dom da adivinhação.

22. As produções de espectros nos teatros foram apresentadas injustamente como tendo relações com a aparição dos Espíritos, dos quais não passam de grosseiras e imperfeitas imitações. Há que se ignorar os primeiros elementos do Espiritismo para aí ver a mesma analogia e crer que é com isto que nos ocupamos nas reuniões espíritas. Os Espíritos não se tornam visíveis à ordem de ninguém, mas por sua própria vontade e em condições especiais, que ninguém tem o poder de provocar.

3. As evocações espíritas não consistem, como alguns imaginam, em fazer que os mortos voltem com o aparto lúgubre do túmulo. Apenas nos romances, nos contos fantásticos de almas do outro mundo e no teatro é que vêem os mortos enfurecidos saindo de seus sepulcros, enfarpelados de mortalhas, a estalar os ossos. O Espiritismo, que nunca fez milagres, também não faz este e jamais fará reviver um cadáver. O corpo que está na fossa aí permanece definitivamente. Mas o ser espiritual, fluídico, inteligente, não foi posto na tumba com o seu envoltório grosseiro; dele se separou no momento da morte. Operada a separação nada mais tem de comum com o corpo.

Allan Kardec

24. A crítica malevolente se compraz em representar as comunicações espíritas como envoltas em práticas ridículas e supersticiosas da magia e da necromância. Diremos simplesmente que, para se entrar em comunicação com os Espíritos, não há dias, nem horas, nem lugares mais propícios do que outros; para os evocar, não se precisa de fórmulas, nem de palavras sacramentais ou cabalísticas, não há necessidade de nenhuma preparação ou iniciação; o emprego de qualquer sinal ou objeto material para os atrair ou repelir não tem qualquer efeito: basta o pensamento. Enfim, os médiuns recebem suas comunicações tão simples e naturalmente como se fossem ditadas por uma pessoa viva, sem sair do estado normal. Só o charlatanismo poderia afetar maneiras excêntricas e acrescentar acessórios ridículos.

A evocação dos Espíritos é feita em nome de Deus, com respeito e recolhimento. É a única coisa que se recomenda às pessoas sérias que queiram manter relações com Espíritos sérios.

25. As comunicações inteligentes recebidas dos Espíritos podem ser boas ou más, justas ou falsas, profundas ou levianas, conforme a natureza dos Espíritos que se manifestam. Os que provam sabedoria e saber são Espíritos adiantados que progrediram; os

Allan Kardec

que demonstram ignorância e más qualidades são Espíritos ainda atrasados, nos quais, entretanto, o progresso se fará com o tempo.

Os Espíritos só podem responder sobre o que sabem, de acordo com o progresso de cada um e, além disso, sobre aquilo que lhes é permitido dizer, porquanto há coisas que não podem revelar, uma vez que ainda não é dado aos homens tudo conhecer.

26. Em virtude da diversidade nas qualidades e aptidões dos Espíritos, não basta dirigir-se a um Espírito qualquer para obter-se uma resposta justa a todas as perguntas, porque, sobre muitas coisas, ele só pode dar à sua opinião pessoal, que pode ser verdadeira ou falsa. Se for sensato, confessará sua ignorância sobre o que não sabe; se leviano ou mentiroso, responderá a tudo, sem se preocupar com a verdade; se orgulho, dará sua opinião como verdade absoluta. Haverá, pois, imprudências e leviandade em aceitar sem controle tudo quanto vier dos Espíritos. Daí por que é essencial conhecermos a natureza daqueles com os quais tratamos. (O Livro dos Médiuns, nº 267.)

27. Reconhece-se a qualidade dos Espíritos por sua linguagem. A dos Espíritos verdadeiramente bons e superiores é sempre digna, nobre, lógica, isenta de

Allan Kardec

contradições; exprime sabedoria, benevolência, modéstia e a mais pura moral; é concisa e sem palavras inúteis. Nos Espíritos inferiores, ignorantes ou orgulhosos, o vazio das idéias é compensado quase sempre pela abundância de palavras. Todo pensamento evidentemente falso, toda máxima contrária à sã moral, trivial ou simplesmente frívola, enfim, toda marca de malevolência, de presunção ou de arrogância são sinais incontestáveis da inferioridade de um Espírito.

28. O objetivo providencial das manifestações é convencer os incrédulos de que nem tudo acaba para o homem com o fim da vida terrestre e dar ao crente idéias mais exatas sobre o futuro. Os bons Espíritos vêm instruí-los com vistas à nossa melhoria e ao nosso adiantamento, e não para nos revelar o que ainda não devemos saber, ou que só saberemos pelo nosso trabalho. Se bastasse interrogar os espíritos para obter a solução de todas as dificuldades científicas ou para fazer descobertas e invenções lucrativas, qualquer ignorante poderia tornar-se sábio com pouco ou nenhum esforço e todo preguiçoso poderia enriquecer sem trabalho. Eis o que Deus não quer. Os Espíritos auxiliam o homem de gênio pela inspiração oculta, mas não o isentam do trabalho e nem das pesquisas, a fim de lhes deixar o mérito.

Allan Kardec

29. Seria fazer idéia muito falso dos Espíritos, quem neles vissem auxiliares dos adivinhos. Os Espíritos sérios não se ocupam com coisas fúteis; os levianos e zombeteiros se ocupam de tudo, a tudo respondem e predizem tudo quanto queira, sem se inquietarem com a verdade; para eles é um prazer mistificar as pessoas demasiado crédulas. É essencial que estejamos perfeitamente esclarecidos quanto à natureza das perguntas que podemos fazer aos Espíritos. (O Livro dos Médiuns, nº 286: “Perguntas que se podem fazer aos Espíritos”.)

30. As manifestações, portanto, não se destinam a servir a interesses materiais, cuja preocupação é deixada à inteligência, ao julgamento e à atividade do homem. Seria inútil tentar usa-los para conhecer o futuro, descobrir tesouros ocultos, reaver heranças ou encontrar meios de enriquecer. Sua utilidade está nas conseqüências morais que resultam dessas manifestações; mas, não tivessem elas como resultado senão fazer conhecida uma nova lei da Natureza, demonstrar materialmente a existência da alma e de sua imortalidade, e já seria muito: seria abrir larga estrada à filosofia.

31. Por estas poucas palavras pode-se ver que as manifestações espíritas, seja qual for a sua natureza,

Allan Kardec

nada têm de sobrenatural ou de maravilhoso. São fenômenos que se produzem em virtude da lei que rege as relações do mundo corporal com o mundo espiritual, lei tão natural quando a da eletricidade, da gravitação, etc. O Espiritismo é a ciência que nos dá a conhecer essa lei, como a mecânica nos revela a lei do movimento e a óptica a da luz. Estando na Natureza, as manifestações espíritas se produziram em todas as épocas; conhecida a lei que as rege, ficam explicados inúmeros problemas considerados insolúveis; é a chave de uma imensidão de fenômenos explorados e amplificados pela superstição.

31. Afastado completamente o maravilhoso, nada há nesses fenômenos que repugne à razão, porque vêm tomar lugar ao lado de outros fenômenos naturais. Nos tempos da ignorância eram reputados sobrenaturais todos os efeitos cuja causa não se conhecia. As descobertas da Ciência restringiram sucessivamente o círculo do maravilhoso; o conhecimento dessa nova lei vem suprimi-lo. Aqueles, pois, que acusam o Espiritismo de ressuscitar o maravilhoso, provam, por isso mesmo, que falam de algo que não conhecem.

I *Dos médiuns*

33. O médium não possui senão a faculdade de comunicar, mas a comunicação efetiva depende da vontade dos Espíritos. Se os Espíritos não quiserem manifestar-se, o médium nada obtém; é como uma instrumento sem músico.

34. a facilidade das comunicações depende do grau de afinidade que existe entre os fluídos do médium e do Espírito. Assim, cada médium é mais ou menos apto a receber a impressão ou o impulso do pensamento de tal ou qual Espírito; pode ser bom

Allan Kardec

instrumento para um, e mau para outro. Disso resulta que dois médiuns, igualmente bem-dotados, se postos lado a lado, um Espírito poderá manifestar-se por um, e não pelo outro.

É pois, um erro crer que basta ser médium para receber com igual facilidade comunicações de todo e qualquer Espírito. Não existem médiuns universais. Os Espíritos buscam de preferência os instrumentos que vibram em uníssono.

Sem a harmonia, única que pode levar à assimilação fluídica, as comunicações são impossíveis, incompletas ou falsas. Podem ser falsas porque, na falta do Espírito desejado, não deixam de aparecer outros, prestes a aproveitar a ocasião para se manifestarem, e muito pouco preocupados em dizer a verdade.

35. um dos maiores escolhos da mediunidade é a obsessão, isto é, o domínio que certos Espíritos podem exercer sobre os médiuns, a eles se impondo sob nomes apócrifos e os impedindo de se comunicarem com outros Espíritos,

36. O que constitui o médium propriamente dito é a faculdade. Sob esse aspecto, ele pode ser mais ou menos formado, mais ou menos desenvolvido. O que constitui o médium seguro, o que de fato pode ser

Allan Kardec

qualificado de bom médium, é a aplicação que faz de sua faculdade, a aptidão para servir de intérprete aos bons Espíritos. (O Livro dos Médiuns, capítulo XXIII.)

37. A mediunidade é uma faculdade essencialmente móvel e fugidia, em razão de subordinar-se à vontade dos Espíritos; é por isso que está sujeita a intermitências. Tal motivo, e o princípio mesmo segundo o qual se estabelece a comunicação, são obstáculos a que se torne uma profissão lucrativa, visto que não poderia ser permanente, nem aplicável a todos os Espíritos, podendo falhar no momento em que mais se necessita dela. Aliás, não é racional admitir que os Espíritos sérios se ponham a disposição do primeiro que os quisesse explorar.

38. De forma geral, os incrédulos tendem a suspeitar da boa-fé dos médiuns e do emprego de meios fraudulentos. Além do fato de tal suposição ser injuriosa em relação a certas pessoas, há de se perguntar, antes de tudo, que interesse elas poderiam ter em enganar, em brincar ou em representar uma comédia. A melhor garantia da sinceridade está no desinteresse absoluto, porque onde nada se tem a ganhar o charlatanismo perde sua razão de ser.

Cada um pode constatar a realidade dos fenômenos, desde que se coloque em condições

Allan Kardec

favoráveis e, à observação dos fatos, se arme da perseverança e da imparcialidade necessária.

Allan Kardec

I V Das Reuniões Espíritas

39. Os espíritos são atraídos pela simpatia, pela similitude dos gostos e do caráter, e pela intenção que faz desejada a sua presença. Os Espíritos Superiores não vão às reuniões fúteis, como um sábio da Terra não iria a uma assembléia de jovens estouvados; diz o simples bom senso que não poderia ser de outra forma. Se, por vezes, aí comparecem é para dar um conselho salutar, combater os vícios e tentar reconduzir ao bom caminho; se não são ouvidos, retiram-se. Seria fazer idéia completamente falsa acreditar que Espíritos sérios pudessem sentir prazer em responder a futilidades e a questões ociosas, que

Allan Kardec

nem provam apego nem respeito por eles, nem real desejo de instruir-se e, mesmo ainda, que pudessem dar-se em espetáculo para divertir curiosos. Se não o fizeram em vida, não o farão após a morte.

40. A frivolidade das reuniões tem por resultado atrair os Espíritos levianos, que apenas buscam ocasião para enganar e mistificar. Assim como os homens sérios não comparecem às assembléias levianas, os Espíritos sérios só vão às reuniões sérias, cujo objetivo é instrução e não a curiosidade. É nas reuniões desse gênero que os Espíritos Superiores se comprazem em dar seus ensinamentos.

41. Do que precede, resulta que, para ser proveitosa, a primeira condição de toda reunião espírita é a seriedade e o recolhimento; que tudo aí se deve passar respeitosa, religiosamente e com dignidade, caso se queira obter o concurso habitual dos bons Espíritos. Não se deve esquecer que se esses Espíritos aí se tivessem apresentado em vida, por eles teríamos dispensado considerações a que fazem jus ainda mais depois da morte do corpo físico.

42. É inútil alegar-se a utilidade de certas experiências curiosas, frívolas e divertidas, para convencer os incrédulos, pois o resultado que se obtém é completamente oposto. O incrédulo, naturalmente

Allan Kardec

levado a zombar das crenças mais sagradas, não pode ver uma coisa séria naquilo de que se faz um brincadeira; não pode inclinar-se a respeitar o que lhe é apresentado de maneira desrespeitosa. É por isso que as reuniões fúteis e levianas, aquelas em que não há ordem, nem gravidade, nem recolhimento, causam-lhes sempre má impressão. O que o pode convencer, sobretudo, é a prova da presença de seres cuja memória lhe é cara. É diante de suas palavras graves e solenes, de suas relações íntimas que o vemos comover-se e empalidecer. Mas, assim como tem mais respeito, veneração e afeto pelo ser cuja alma lhe é apresentada, fica chocado, escandalizado por vê-la comparecer a uma assembléia irreverente, no meio de mesas que dançam e dos gracejos de Espíritos levianos. Por mais incrédulo que seja, uma consciência repele esta aliança entre o sério e o frívolo, entre o religioso e o profano, razão por que tacha tudo de artimanha, saindo da reunião menos convencido do que se achava ao entrar.

As reuniões dessa natureza fazem sempre mais mal do que bem, pois afastam da Doutrina mais pessoas do que a ela conduzem, sem contar que se prestam à crítica dos detratores, que nelas encontram fundadas razões para a zombaria.

Allan Kardec

III

Caráter da

REVELAÇÃO ESPÍRITAS

Allan Kardec

PARIS – FEVEREIRO DE 1868

Allan Kardec

Caráter da Revelação Espírita

1. Pode o Espiritismo ser considerado uma revelação? Neste caso, Qual o seu caráter? Em que se funda a sua autenticidade? A quem e de que maneira foi ea feita? É a Doutrina Espírita uma revelação, no sentido teológico da palavra, ou por outra, é, no seu todo, produto de ensino oculto vindo do Alto? É absoluta ou suscetível de modificações? Trazendo aos homens a verdade integral, a revelação não teria por efeito impedi-los de fazer uso das suas faculdades, pois que lhes pouparia o trabalho da investigação? Qual a autoridade do ensino dos Espíritos, se eles não são infalíveis e superiores à Humanidade? Qual a utilidade da moral que pregam, se essa moral não é diversa da do Cristo, já conhecida? Quais as verdades novas que eles nos trazem? Precisarás o homem de uma revelação? E não poderá achar em si mesmo e em sua consciência tudo quanto é mister para se conduzir na vida? Tais as questões sobre que importa os fixemos.

Allan Kardec

2. Definamos primeiro o sentido da palavra revelação. Revelar, do latim *revelare*, cuja raiz, *relum*, *véu*, significa literalmente sair de sob o véu e, figuradamente, descobrir, dar a conhecer uma coisa secreta ou desconhecida. Em sua acepção vulgar mais genérica, essa palavra se emprega a respeito de qualquer coisa ignota que é divulgada, de qualquer idéia nova que nos põe ao corrente do que não sabíamos.

Deste ponto de vista, todas as ciências que nos fazem conhecer os mistérios da Natureza são revelações e pode dizer-se que há para a Humanidade uma revelação incessante. A Astronomia revelou o mundo astral, que não conhecíamos; a Geologia revelou a formação da Terra; a Química, a lei das afinidades; a Fisiologia, as funções do organismo, etc.; Copérnico, Galileu, Newton, Laplace, Lavoisier foram reveladores.

3. A característica essencial de qualquer revelação tem que ser a verdade. Revelar um segredo é tornar conhecido um fato; se é falso, já não é um fato e, por consequência, não existe revelação. Toda revelação desmentida por fatos deixa de o ser, se for atribuída a Deus. Não podendo Deus mentir, nem se

Allan Kardec

enganar, ela não pode emanar dele: deve ser considerada produto de uma concepção humana.

4. Qual o papel do professor diante de seus discípulos, senão o de revelador? O professor lhes ensina o que eles não sabem, o que não teria tempo, nem possibilidade de descobrir por si mesmo, porque a Ciência é obra coletiva dos séculos e de uma multidão de homens que trazem, cada qual, o seu contingente de observações aproveitáveis àqueles que vêm depois. O ensino é, portanto, na realidade, a revelação de certas verdades científicas ou morais, físicas ou metafísicas, feitas por homens que as conhecem a outros que as ignoram e que, se assim não fora, as teria ignorado sempre.

5. Mas, o professor não ensina senão o que aprendeu: é revelador de segunda ordem; o homem de gênio ensina o que descobriu por si mesmo: é o revelador primitivo; traz a luz que pouco a pouco se vulgariza. Que seria da Humanidade sem a revelação dos homens de gênio, que aparecem de tempos em tempos?

Mas, quem são esses homens de gênio? E, por que são homens de gênio? Donde vieram? Que é feito deles? Notemos que na sua maioria denotam, ao nascer, faculdades transcendentais e alguns

Allan Kardec

conhecimentos inatos, que com pouco trabalho desenvolvem. Pertencem realmente à Humanidade, pois nascem, vivem e morrem como nós. Onde, porém, adquiriram esses conhecimentos que não puderam aprender durante a vida? Dir-se-á, com os materialistas, que o acaso lhes deu a matéria cerebral em maior quantidade e de melhor qualidade? Neste caso, não teriam mais mérito que um legume maior e mais saboroso do que outro.

Dir-se-á, como certos espiritualistas, que Deus lhes deu uma alma mais favorecida que a do comum dos homens? Suposição igualmente ilógica, pois que tacharia Deus de parcial. A única solução racional do problema está na preexistência da alma e na pluralidade das vidas. O homem de gênio é um Espírito que tem vivido mais tempo; que, por conseguinte, adquiriu e progrediu mais do que aqueles que estão menos adiantados. Encarnando, traz o que sabe e, como sabe muito mais do que os outros e não precisa aprender, é chamado homem de gênio. Mas seu saber é fruto de um trabalho anterior e não resultado de um privilégio. Antes de renascer, era ele, pois, Espírito adiantado, reencarna para fazer que os outros aproveitem do que já sabe, ou para adquirir mais do que possui,

Allan Kardec

Os homens progridem incontestavelmente por si mesmos e pelos esforços de sua inteligência; mas, entregues às suas próprias forças, só muito lentamente progrediriam, se não fossem auxiliados por outros mais adiantados, como o estudante o é pelos professores. Todos os povos tiveram homens de gênio, surgidos em diversas épocas, para dar-lhes impulso e tira-los da inércia.

6. Desde que se admite a solícitude de Deus, para com as suas criaturas, por que não se há de admitir que Espíritos capazes, por sua energia e superioridade de conhecimento, de fazerem que a Humanidade avance, encarnem pela vontade de Deus, com o fim de ativarem o progresso em determinado sentido? Por que não admitir que eles recebam missões, como um embaixador as recebe de seu soberano? Tal o papel dos grandes gênios. Que vêm eles fazer, senão ensinar aos homens verdades que estes ignoram e ainda ignorariam durante largos períodos, a fim de lhes dar um ponto de apoio mediante o qual possam elevar-se mais rapidamente? Esses gênios, que aparecem através dos séculos como estrelas brilhantes, deixando longo traço luminoso sobre a Humanidade, são missionários ou, se o quiserem, messias. O que de novo ensinam aos

Allan Kardec

homens, quer na ordem física, quer na ordem filosófica, são revelações. Se Deus suscita reveladores para as verdades científicas, pode, com mais forte razão, suscitá-los para as verdades morais, que constituem elementos essenciais do progresso. Tais são os filósofos cujas idéias atravessam os séculos.

7. No sentido especial da fé religiosa, a revelação se diz mais particularmente das coisas espirituais que o homem não pode descobrir por meio da inteligência, nem com o auxílio dos sentidos e cujo conhecimento lhe dão Deus ou seus mensageiros, quer por meio da palavra direta, quer pela inspiração. Neste caso, a revelação é sempre feita a homens predispostos, designados sob o nome de profetas ou messias, isto é, enviados ou missionários, incumbidos de transmiti-la aos homens. Considerada debaixo deste ponto de vista, a revelação implica a passividade absoluta e é aceita sem verificação, em exame, nem discussão.

8. Todas as religiões tiveram seus reveladores e embora longe estivessem de conhecer toda a verdade tinham uma razão de ser providencial, porque eram apropriados ao tempo e ao meio em que viviam, ao caráter particular dos povos a quem falavam e aos quais eram relativamente superiores.

Allan Kardec

Apesar do erro das suas doutrinas, não deixaram de agitar os espíritos e, por isso mesmo de semear os germens do progresso, que mais tarde haviam de desenvolver-se, ou se desenvolverão à luz brilhante do Cristianismo.

É, pois, injusto se lhes lance anátema em nome da ortodoxia, porque dia virá em que todas essas crenças tão diversas na forma, mas que repousam realmente sobre um mesmo princípio fundamental – Deus e a imortalidade da alma, se fundirão numa grande e vasta unidade, logo que a razão triunfe dos preconceitos.

Infelizmente, as religiões não são sempre instrumentos de dominação; o papel de profeta há tentado as ambições secundárias e tem-se visto surgir uma multidão de pretensos reveladores ou messias que, valendo-se do prestígio deste nome, exploram a credulidade em proveito do seu orgulho, da sua ganância, ou da sua indolência, achando mais cômodo viver à custa dos iludidos. A religião cristã não pode evitar esses parasitas.

A tal propósito, chamamos particularmente a atenção para o capítulo XXI de O Evangelho segundo o Espiritismo, “ Haverá falsos Cristos e falsos profetas”.

Allan Kardec

9. Haverá revelações diretas de Deus aos homens? É uma questão que não ousáramos resolver, nem afirmativamente, nem negativamente, de maneira absoluta. O fato não é radicalmente impossível, porém, nada nos dá dele prova certa. O que não padece dúvida é que os Espíritos mais próximos de Deus pela perfeição se imbuem de seu pensamento e podem transmiti-lo. Quanto aos reveladores encarnados, segundo a ordem hierárquica a que pertencem e o grau a que chegaram de saber, esses podem tirar do seus próprios conhecimentos as instruções que ministram, ou recebe-las de espíritos mais elevados, mesmo dos mensageiros diretos de Deus, os quais, falando em nome de Deus, têm sido às vezes tomados pelo próprio Deus.

As comunicações deste gênero nada têm de estranho para quem conhece os fenômenos espíritas e a maneira pela qual se estabelecem as relações entre os encarnados e os desencarnados. As instruções podem ser transmitidas pela simples inspiração, pela audição da palavra, pela visibilidade dos Espíritos instrutores, nas visões e aparições, quer em sonho, quer em estado de vigília, do que há muitos exemplos na Bíblia, no Evangelho e nos livros sagrados de todos os povos.

Allan Kardec

É, pois, rigorosamente exato dizer-se que quase todos os reveladores são médiuns inspirados, audientes ou videntes. Daí, entretanto, não se deve concluir que todos os médiuns sejam reveladores, nem, ainda menos, intermediários diretos da divindade ou dos seus mensageiros.

10. Só os Espíritos puros recebem a palavra de deus com a missão de transmiti-la; mas, sabe-se hoje que nem todos os Espíritos são perfeitos e que existem muitos que se apresentam sob falsas aparências, o que levou João a dizer: “Não acrediteis em todos os Espíritos; vede antes se os Espíritos são de Deus”. (Epístola 1ª, 4:1.)

Pode, pois, haver revelações sérias e verdadeiras como as há apócrifas e mentirosas. O caráter essencial da revelação divina é a da eterna verdade. Toda revelação eivada de erros ou sujeira a modificação não pode emanar de Deus. É assim que a lei do Decálogo tem todos os caracteres de sua origem, enquanto que as outras leis mosaicas, fundamentalmente transitórias muitas vezes em contradição com a lei do Sinai, são obra pessoal e política do legislador hebreu. Com o abrandarem-se os costumes do povo, essas leis por si mesmas caíram em desuso, ao passo que o Decálogo ficou sempre de pé,

Allan Kardec

como farol da Humanidade. O Cristo fez dele a base do seu edifício, abolindo as outras leis. Se estas fossem obra de Deus, seriam conservadas inatas. O Cristo e Moisés foram dois grandes reveladores que mudaram a face do mundo e nisso está a prova de sua missão divina. Uma obra puramente humana careceria de tal poder.

11. Importante revelação se opera na época atual e mostra a possibilidade de nos comunicarmos com os seres do mundo espiritual. Não é novo, sem dúvida, esse conhecimento; mas ficará até aos nossos dias, de certo modo, como letra morta, isto é, sem proveito para a Humanidade. A ignorância das leis que regem essas relações o abafara sob a superstição; o homem era incapaz de tirar daí qualquer dedução salutar. Estava reservado à nossa época desembaraçá-lo dos acessórios ridículos, compreender-lhe o alcance e fazer surgir a luz destinada a clarear o caminho futuro.

12. O Espiritismo, dando-nos a conhecer o mundo invisível que nos cerca e no meio do qual vivíamos sem o suspeitarmos, assim como as leis que o regem, suas relações com o mundo visível, a natureza e o estado dos seres que habitam e, por conseguinte, o

Allan Kardec

destino do homem depois da morte, é uma verdadeira revelação, na acepção científica da palavra.

13. Por sua natureza, a revelação espírita tem duplo caráter: participa ao mesmo tempo da revelação divina e da revelação científica. Participa da primeira, porque foi providencial o seu aparecimento e não o resultado da iniciativa, nem de um desígnio premeditado do homem; porque os pontos fundamentais da doutrina provêm do ensino que deram os Espíritos encarregados por Deus de esclarecer os homens acerca das coisas que eles ignoravam, que não podiam aprender por si mesmos e que lhe importa conhecer, hoje que estão aptos a compreendê-las. Participa da segunda, por não ser esse ensino privilégio de indivíduos algum, mas ministrado a todos do mesmo modo; por não serem os que o transmitem e os que o recebem seres passivos, dispensados do trabalho da observação e da pesquisa, por não renunciarem ao raciocínio e ao livre-arbítrio; porque não lhes é interdito o exame, mas, ao contrário, recomendado, enfim, porque a doutrina não foi ditada completa, nem imposta à crença cega; porque é deduzida, pelo trabalho do homem, da observação dos fatos que os Espíritos lhe põem sob os olhos e das instruções que lhe dão, instruções que ele estuda, comenta, compara, a

Allan Kardec

fim de tirar ele próprio as ilações e aplicações. Numa palavra, o que caracteriza a revelação espírita é o ser divina a sua origem e da iniciativa dos Espíritos, sendo a sua colaboração fruto do trabalho do homem.

14. Como meio de elaboração, o Espiritismo procede exatamente da mesma forma que a ciências positivas, aplicando o método experimental. Fatos novos se apresentam, que não podem ser explicados pelas leis conhecidas; ele os observa, compara, analisa e, remontando dos efeitos às causas, chega à lei que os rege; depois, deduz-lhe as conseqüências e busca as aplicações úteis. Não estabeleceu nenhuma teoria preconcebida; assim, não apresentou como hipóteses a existência e a intervenção dos Espíritos, nem o perispírito, nem a reencarnação, nem qualquer dos princípios da doutrina; concluiu pela existências dos Espíritos, quando essa existência ressaltou evidente da observação dos fatos, procedendo de igual maneira quanto aos outros princípios. Não foram os fatos que vieram a posteriori confirmar a teoria: a teoria é que veio subsequentemente explicar e resumir os fatos. É, pois, rigorosamente exato dizer-se que o Espiritismo é uma ciência de observação e não produtora da imaginação. As ciências só fizeram progressos importantes depois que seus estudos se basearam sobre

Allan Kardec

o método experimental; até então, acreditou-se que esse método também só era aplicável à matéria, ao passo que o é também às coisas metafísicas.

15. Citemos um exemplo. Passa-se no mundo dos Espíritos um fato muito singular, de que seguramente ninguém houvera suspeitado: o de haver Espíritos que não se consideram mortos. Pois bem, os Espíritos Superiores, que conhecem perfeitamente esse fato, não vieram dizer antecipadamente: “Há Espíritos que julgam viver ainda a vida terrestre, que conservam seus gostos, costumes e instintos”. Provocaram a manifestação de Espíritos desta categoria para que os observássemos. Tendo-se assim visto Espíritos incerto quanto ao seu estado, ou afirmando ainda serem deste mundo, julgando-se aplicados às suas ocupações ordinárias, deduziu-se a regra. A multiplicidade de fatos análogos demonstrou que o caso não era excepcional, que constituía uma das fases da vida espírita; pode-se então estudar todas as variedades e as causas de tão singular ilusão, reconhecer que tal situação é sobretudo própria do Espírito pouco adiantados moralmente e peculiar a certos gêneros de morte; que é temporário, podendo, todavia, durar semanas, meses e anos. Foi assim que a teoria nasceu da observação.

Allan Kardec

O mesmo se deu com relação a todos os outros princípios da doutrina.

16. assim como a Ciência propriamente dita tem por objeto o estudo das leis do princípio material, o objeto especial do Espiritismo é o conhecimento das leis do princípio espiritual. Ora, como este último princípio é uma das forças da Natureza, a reagir incessantemente sobre o princípio material e reciprocamente, segue-se que o conhecimento de um não pode estar completo sem o conhecimento do outro. O Espiritismo e a Ciência se completam reciprocamente, a Ciência, sem o Espiritismo, se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria; ao Espiritismo, sem a Ciência, faltariam apoio e comprovação. O estudo das leis da matéria tinha que preceder o da espiritualidade, porque a matéria é que primeiro fere os sentidos. Se o Espiritismo tivesse vindo antes das descobertas científicas, teria abortado, como tudo quanto surge antes do tempo.

17. Todas as ciências se encadeiam e sucedem numa ordem racional; nascem uma das outras, à proporção que acham ponto de apoio nas idéias e conhecimento anterior. A Astronomia, uma das primeiras cultivadas, conservou os erros da infância,

Allan Kardec

até ao momento em que a Física veio revelar a lei das forças dos agentes naturais; a Química, nada podendo sem a Física, teve que acompanhá-la de perto, para depois marcharem ambas de acordo, amparando-se uma à outra. A Anatomia, a Fisiologia, a Zoologia, a Botânica, a Mineralogia, só se tornaram ciências sérias com o auxílio das luzes que lhes trouxeram a Física e a Química. À geologia nascida ontem, sem a astronomia, a Física, a Química e todas as outras, teriam faltado elementos de vitalidade, ela só podia vir depois daquelas.

18. A Ciência moderna abandonou os quatro elementos primitivos dos Antigos e, de observação em observação, chegou à concepção de um só elemento gerador de todas as transformações da matéria; mas, a matéria, por si só, é inerte; carecendo de vida, de pensamentos, de sentimentos, precisa estar unida ao princípio espiritual. O Espiritismo não descobriu, nem inventou este princípio; foi o primeiro a demonstrar-lhe, por provas inconcussas, a existência; estudando-o, analisou-o e tornou-o evidente a ação. Ao elemento material, juntou ele o elemento espiritual. Elemento material e elemento espiritual, esses os dois princípios e as duas forças vivas da Natureza. Pela união

Allan Kardec

indissolúvel deles, facilmente se explica uma multidão de fatos até então inexplicáveis³.

O Espiritismo, tendo por objeto o estudo dos elementos constitutivos do Universo, toca forçosamente na maior parte das ciências; só podia, portanto, vir depois da elaboração delas; nasceu pela força mesma das coisas, pela impossibilidade de tudo se explicar com o auxílio apenas das leis da matéria.

19. Acusam-no de parentesco com a magia e a feitiçaria; porém, esquecem que a Astronomia tem por irmã mais velha a Astrologia judiciária, ainda não muito distante de nós; que a Química é filha da Alquimia, com a qual nenhum homem sensato ousaria hoje ocupar-se. Ninguém nega, entretanto, que na Astrologia e na Alquimia estivesse o gérmen das verdades de que saíram as ciências atuais. Apesar das suas ridículas fórmulas, a Alquimia encaminhou a descoberta dos corpos simples e da lei das afinidades.

³ Nota de A.K.: A palavra elemento não é empregada aqui no sentido de corpo simples, elementar, de molécula primitiva, mas no de parte constitutiva de um todo. Neste sentido pode dizer-se que o elemento espiritual tem parte ativa na economia do Universo, como se diz que o elemento civil e o elemento militar figuram no cálculo de uma população; que o elemento religioso entra na educação; ou que na Argélia existem pó elemento qarabe e o elemento europeu.

Allan Kardec

A Astrologia se apoiava na posição e no movimento dos astros, que ela estudara; mas, na ignorância das verdadeiras leis que regem o mecanismo do Universo, os astros eram, para o vulgo, seres misteriosos, aos quais a superstição atribuía uma influencia moral e um sentimento revelador. Quando Galileu, Newton e Kepler tornaram conhecidas essas leis, quando o telescópio rasgou o véu e mergulhou nas profundezas do espaço um olhar que algumas criaturas acharam indiscreto, os planetas apareceram como simples mundos semelhantes ao nosso e todo o castelo do maravilhoso desmoronou.

O mesmo se dá com o Espiritismo, relativamente à magia e à feitiçaria, que se apoiavam também na manifestação dos Espíritos, como a Astrologia no movimento dos astros; mas, ignorantes das leis que regem o mundo espiritual, misturavam, com estas relações, práticas e crenças ridículas, com as quais o moderno Espiritismo, fruto da experiência e da observação, acabou. Certamente, a distância que separa o Espiritismo da magia e da feitiçaria é maior do que a que existe entre a Astronomia e a Astrologia, a Química e Alquimia. Confundi-las é provar que de nenhuma se sabe coisa alguma.

Allan Kardec

20. O simples fato do poder o homem comunicar-se com os seres do mundo espiritual traz conseqüências incalculáveis da mais alta gravidade; é todo um mundo novo que se nos revela e que tem tanto mais importância, quanto a ele hão de voltar todos os homens, sem exceção.

O conhecimento de tal fato não pode deixar de acarretar, generalizando-se, profunda modificação nos costumes, caráter, hábitos assim como nas crenças que tão grande influência exerceu sobre as relações sociais. É uma revolução completa a operar-se nas idéias, revolução tanto maior, tanto mais poderosa, quanto não se circunscreve a um povo, nem a uma casta, visto que atinge simultaneamente, pelo coração, todas as classes, todas as nacionalidades, todos os cultos.

Razão há, pois, para que o Espiritismo seja considerado a terceira das grandes revelações. Vejamos em que essas revelações diferem e qual o laço que as liga entre si.

21. Moisés, como profeta, revelou aos homens a existência de um Deus único, Soberano Senhor e Orientador de todas as coisas; promulgou a lei do Sinai e lançou as bases da verdadeira fé. Como homem, foi o legislador do povo pelo qual essa primitiva fé, purificando-se, havia de espalhar-se por sobre a Terra.

Allan Kardec

22. O Cristo, tomando da antiga lei o que é eterno e divino e rejeitando o que era transitório, puramente disciplinar e de concepção humana, acrescentou a revelação da vida futura, de que Moisés não falara, assim como a das penas e recompensas que aguardam o homem, depois da morte. (Vide: *Revue Spirite*, 1861, páginas 90 e 280.0)

23. A parte mais importante da revelação do Cristo, no sentido de fonte primária, de pedra angular de toda a sua doutrina é o ponto de vista inteiramente novo sob que considera Ele a Divindade. Esta já não é o Deus terrível, ciumento, vingativo, de Moisés; o Deus cruel e implacável, que rega a terra com sangue humano, que ordena o massacre e o extermínio dos povos, sem excetuar as mulheres, as crianças e os velhos, e que castiga aquele que pouparam as vítimas; já não é o Deus injusto, que pune um povo inteiro pela falta do seu chefe, que se vinga do culpado na pessoa do inocente, que fere os filhos pelas faltas dos pais; mas, um Deus clemente. Soberanamente justo e bom, cheio de mansidão e misericórdia, que perdoa ao pecador arrependido e dá a cada um segundo as suas obras. Já não é o Deus de um único povo privilegiado, o Deus dos exércitos, presidindo aos combates para sustentar a sua própria causa contra o Deus de outros

Allan Kardec

povos; mas o Pai comum do gênero humano, que estende a sua proteção por sobre todos os seus filhos e os chama todos a si; já não é o Deus que recompensa e pune pelos bens da Terra, que faz consistir a glória e a felicidade na escravidão dos povos rivais e na multiplicidade da progenitura, mas, sim, um Deus que diz aos homens: “A vossa verdadeira pátria não é neste mundo, mas no reino celestial, lá onde os humildes de coração serão elevados e os orgulhosos serão humilhados”. Já não é o Deus que faz da vingança uma virtude e ordena se retribua olho por olho, dente por dente; mas o Deus de misericórdia, que diz: “Perdoai as ofensas, se quereis ser perdoados; fazei o bem em troca do mal; não façais o que não quereis que vos façam”. Já não é o Deus mesquinho e meticuloso, que impõe, sob as mais rigorosas penas, o modo como quer ser adorado, que se ofende pela inobservância de uma fórmula; mas, o Deus grande, que vê o pensamento e que não se honra com a forma. Enfim, já não é o Deus que quer ser temido, mas o Deus que quer ser amado.

24. Sendo Deus o eixo de todas as crenças religiosas e o objetivo de todos os cultos, o caráter de todas as religiões é conforme à idéia que elas são de Deus. As religiões que fazem de Deus um ser vingativo e cruel julgam honra-lo com atos de

Allan Kardec

crueldade, com fogueiras e torturas, as que têm Deus parcial e cioso são intolerantes e mais ou menos meticulosas na forma, por crerem-no mais ou menos contaminado das fraquezas e ninharias humanas.

5. Toda a doutrina do Cristo se funda no caráter que Ele atribui à Divindade. Com um Deus imparcial, soberanamente justo, bom e misericordioso, ele fez do amor de Deus e da caridade para com o próximo a condição indeclinável da salvação, dizendo: Amai a Deus sobre todas as coisas e ao vosso próximo como a si mesmo; nisto estão toda a lei e os profetas; não existe outra lei. Sobre esta crença, assentou o principio da igualdade dos homens perante Deus o da fraternidade universal. Mas, fora possível amar a Deus de Moisés? Não; só se podia teme-lo.

A revelação dos verdadeiros atributos da Divindade, de par com a imortalidade da alma e da vida futura, modificava profundamente as relações mútuas dos homens, impunha-lhes novas obrigações, fazia-os encarar a vida presente sob outro aspecto e tinha, por isso mesmo, de reagir contra os costumes e as relações sociais. É esse incontestavelmente, por suas conseqüências, o ponto capital da revelação do Cristo, cuja importância não foi compreendida suficientemente e, contrista dizê-lo, é também o ponto

Allan Kardec

de que mais a humanidade se tem afastado, que mais há desconhecido na interpretação dos seus ensinamentos.

26. ENTRETANTO, O Cristo acrescenta: Muitas das coisas que vos digo ainda não as compreendeis e muitas outras teria a dizer, que não compreenderíeis; por isso é que vos falo por parábolas; mais tarde, porém, enviar-vos-ei o consolador, o Espírito de Verdade, que restabelecerá todas as coisas e vo-las explicará todas.” (9João, 14 e 16, Mateus, 17.)

Se o Cristo não disse tudo quanto poderia dizer, é que julgou conveniente deixar certas verdades na sombra, até que os homens chegassem ao estado de compreendê-las. Como Ele próprio o confessou, seu ensino era incompleto, pois anunciava a vinda daquele que o completaria; previra, pois, que suas palavras não seriam bem interpretadas. E que os homens se desviariam do ensino, em suma, que desfariam o que Ele fez, uma vez que todas as coisas hão de ser restabelecidas; ora, não se restabelece aquilo que foi desfeito.

27. Por que chama Ele Consolador ao novo messias? Este nome, significativo e sem ambigüidade, encerra toda uma revelação. Assim, Ele previa que os homens teriam necessidade de consolação, o que implica a insuficiência daquelas que eles achariam na

Allan Kardec

crença que iam fundar. Talvez nunca o Cristo fosse tão claro, tão explícito, como nestas últimas palavras, às quais poucas pessoas deram atenção bastante, provavelmente porque evitarem esclarece-las e aprofundar-lhes o sentido profético.

28. Se o Cristo não pôde desenvolver o seu ensino de maneira completa, é que faltavam aos homens conhecimentos que eles só podiam adquirir com o tempo e sem os quais não o compreenderiam; há muitas coisas que teriam parecido absurdas no estado de conhecimento de então. Completar o ensino deve entender-se no sentido de explicar e desenvolver, não no de ajuntar-lhe verdades novas, porque tudo nele se encontrava em estado de gérmen, faltando-lhe só a chave para se aprender o sentido das palavras.

29. Mas, quem toma a liberdade de interpretar as Escrituras Sagradas? Quem tem esse direito? Quem possui as necessárias luzes, senão os teólogos? Quem ousa? Primeiro, a Ciência, que a ninguém pede permissão para dar a conhecer as leis da Natureza e que salta sobre os erros e os preconceitos. – Quem tem este direito? Neste século de emancipação intelectual e de liberdade de consciência, o direito de exame pertence a todos e as Escrituras não são mais a arca santa na qual ninguém se atreveria a tocar com a ponta

Allan Kardec

do dedo, sem correr o risco de ser fulminado. Quanto às luzes especiais, necessárias, sem contestar as dos teólogos, por mais esclarecidos que fossem os da Idade Média, e, em particular, os Pais da Igreja, eles, contudo, não eram bastante para não condenarem como heresia o movimento da Terra e a crença nos antípodas. Mesmo sem ir tão longe, os teólogos dos nossos dias não lançaram anátemas à teoria dos períodos de formação da Terra.

Os homens só puderam explicar as Escrituras com o auxílio do que sabiam, das noções falsas ou incompletas que tinham sobre as leis da Natureza, mais tarde reveladas pela Ciência. Eis por que os próprios teólogos, de muito boa-fé, se enganaram sobre o sentido de certas palavras e fatos do Evangelho. Querendo a todo o custo encontrar nele a confirmação de uma idéia preconcebida, giraram sempre no mesmo círculo, sem abandonar o seu ponto de vista, de modo que só viam o que queriam ver. Por muito instruídos que fossem, eles não podiam compreender causas dependentes de leis que lhes eram desconhecidas.

Mas, quem julgará das interpretações diversas e muitas vezes contrárias, fora do campo da teologia? O futuro, a lógica e o bom senso. Os homens, cada vez mais esclarecidos, à medida que novos fatos e novas

Allan Kardec

leis se foram revelando, saberão separar da realidade os sistemas utópicos. Ora, as ciências tornam conhecidas algumas leis; o Espiritismo revela outras; todas são indispensáveis à inteligência dos Textos Sagrados de todas as religiões, desde Confúcio e Buda até o Cristianismo. Quanto à teologia, esta não poderá judiciosamente alegar contradições da Ciência, visto como também ela nem sempre está de acordo consigo mesma.

30. O Espiritismo, partindo das próprias palavras do Cristo, como este partiu das de Moisés, é consequência direta da sua doutrina. À idéia vaga da vida futura, acrescenta a revelação da existência do mundo invisível que nos rodeia e povoa o espaço, e com isso precisa a crença, dá-lhe um corpo, uma consistência, uma realidade à idéia. Define os laços que unem a alma ao corpo e levanta o véu que ocultava aos homens os mistérios do nascimento e da morte. Pelo Espiritismo, o homem sabe donde vem, para onde vai, por que está na Terra, por que sofre temporariamente e vê por toda a parte a justiça de Deus. Sabe que a alma progride incessantemente, através de uma série de existências sucessivas, até atingir o grau de perfeição que a aproxima de Deus. Sabe que todas as almas, tendo um mesmo ponto de

Allan Kardec

origem, são criadas iguais, com idêntica aptidão para progredir, em virtude de seu livre-arbítrio; que todas são da mesma essência, e que não há entre elas diferença, senão quanto ao progresso realizado; que todas têm o mesmo destino e alcançarão a mesma meta, mais ou menos rapidamente, pelo trabalho e boa vontade.

Sabe que não há criaturas deserddadas, nem mais favorecidas umas do que outras; que Deus a nenhuma criou privilegiada e dispensada do trabalho imposto às outras para progredirem; que não há seres perpetuamente votados ao mal e ao sofrimento; que os que se designam pelo nome de demônios são Espíritos ainda atrasados e imperfeitos, que praticam o mal no espaço, como o praticavam na Terra, mas que se adiantarão e aperfeiçoarão; que os anjos ou Espíritos puros não são à parte na criação, mas Espíritos que chegaram à meta, depois de terem percorridos a estrada do progresso, que, por esta forma, não há criações múltiplas, nem diferentes categorias entre os seres inteligentes, mas que toda a criação deriva da grande lei de unidade que rege o Universo e que todos os seres gravitam para um fim comum que é à perfeição, sem que uns sejam favorecidos à custa de outros, visto serem todos filhos da suas próprias obras.

Allan Kardec

31. Pelas relações que hoje pode estabelecer com aqueles que deixaram a Terra, possui o homem não só a prova material da existência e da individualidade da alma, como também compreende a solidariedade que ligo os vivos aos mortos deste mundo e os deste mundo aos de outros planetas. Conhece a situação deles no mundo dos Espíritos, acompanha-os em suas migrações, aprecia-lhes as alegrias e as penas. Sabe a razão porque são felizes ou infelizes e a sorte que lhes está reservada, conforme o bem ou o mal que fizeram. Essas relações iniciam o homem na vida futura, que ele pode observar em todas as suas fases, em todas as suas peripécias; o futuro já não é uma vaga esperança, é um fato positivo, uma certeza matemática. Desde então, a morte nada mais tem de aterrador, por lhe ser a libertação, a porta da verdadeira vida.

32. pelo estudo da situação dos Espíritos, o homem sabe que a felicidade e a desdita, na vida espiritual, são inerentes ao grau de perfeição e de imperfeição; que cada qual sofre as conseqüências diretas e naturais de suas faltas, ou, por outra, que é punido no que pecou; que essas conseqüências duram tanto quanto a causa que as produziu; que, por conseguinte, o culpado sofreria eternamente, se

Allan Kardec

persistisse no mal, mas que o sofrimento cessa com o arrependimento e a reparação; ora, como depende de cada um o seu aperfeiçoamento, todos podem, em virtude do livre-arbítrio, prolongar ou abreviar seus sofrimentos, como o doente sofre, pelos seus excessos, enquanto não lhes põe termo.

33. Se a razão repele, como incompatível com a bondade de Deus, a idéia das penas irremissíveis, perpétuas e absolutas, muitas vezes infligidas por uma falta, a dos suplícios do inferno, que não pode ser minorados nem sequer pelo arrependimento mais ardente e sincero, a mesma razão se inclina diante dessa justiça distributiva e imparcial, que leva tudo em conta, que nunca fecha a porta ao arrependimento e estende constantemente a mão ao náufrago, em vez de o empurrar para o abismo.

34. A pluralidade das existências, cujo princípio o Cristo estabeleceu no Evangelho, sem todavia definido como a muitos outros, é uma das mais importantes reveladas pelo espiritismo, pois que lhe demonstra na realidade e a necessidade para o progresso. Com esta lei, o homem explica todas as aparentes anomalias da vida humana; as diferenças de posição social; as mortes prematuras que, sem a reencarnação, tornariam inúteis a alma as existências

Allan Kardec

breves; a desigualdade de aptidões intelectuais e morais, pela ancianidade do Espírito que mais ou menos aprendeu e progrediu, e traz, nascendo, o que adquiriu em suas existências anteriores (nº 5).

35. Com a doutrina da criação da alma no instante do nascimento, vem-se cair no sistema das criações privilegiadas; os homens são estranhos uns aos outros, nada os liga, os laços de família são puramente carnis; não são de nenhum modo solidários com um passado em que não existiam; com a doutrina do nada após a morte, todas as relações cessam com a vida; os seres humanos não são solidários no futuro. Pela reencarnação, são solidários no passado e no futuro e, como as suas relações se perpetuam, tanto no mundo espiritual como no corporal, a fraternidade tem por base as próprias leis da Natureza; o bem tem um objetivo e o mal conseqüências inevitáveis.

36. Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhuma há que prime, em lógica, ao fato material da reencarnação. Se,

Allan Kardec

pois, a reencarnação funda numa lei da Natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na mesma lei o da igualdade dos direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade.

37. Tirai ao homem o Espírito livre e independente, sobrevivendo à matéria, e fareis dele uma simples máquina organizada, sem finalidade, nem responsabilidade; sem outro freio além da lei civil e a própria a ser explorada como um animal inteligente. Nada esperando depois da morte, nada obsta a que aumente os gozos do presente; se sofre, só tem a perspectiva do desespero e o nada como refúgio. Com a certeza do futuro, com a de encontrar de novo aqueles a quem amou e com o temor de tornar a ver aqueles a quem ofendeu, todas as suas idéias mudam, O Espiritismo, ainda que só fizesse forrar o homem à dúvida relativamente à vida futura, teria feito mais pelo seu aperfeiçoamento moral do que todas as leis e disciplinares, que detém algumas vezes, mas não o transforma.

38.. Sem a preexistência da alma, a doutrina do pecado original não seria somente inconciliável com a justiça de Deus, que tornaria todos os homens responsáveis pela falta de um só, seria também um contra-senso, e tanto menos justificável quanto,

Allan Kardec

segundo essa doutrina, a alma não existia na época a que se pretende fazer que a sua responsabilidade remonte. Com a preexistência, o homem traz, ao renascer, o gérmen das suas imperfeições, dos defeitos de que se não corrigiu e que se traduzem pelos instintos naturais e pelos pendores para tal ou tal vício. É esse o seu verdadeiro pecado original, cujas conseqüências naturalmente sofre, mas com a diferença capital de que sofre a pena das suas próprias faltas, e não das do outrem; e com a outra diferença, ao mesmo tempo consoladora, animadora e soberanamente eqüitativa, de que cada existência lhe oferece os meios de se redimir pela reparação e de progredir, quer despojando-se de alguma imperfeição, quer adquirindo novos conhecimentos e, assim, até que, suficientemente purificado, não necessita mais da vida corporal e possa viver exclusivamente a vida espiritual, eterna e bem-aventurada.

Pela mesma razão, aquele que progrediu moralmente traz, ao renascer, qualidades naturais, como o que progrediu intelectualmente traz idéias inatas, identificado com o bem, pratica-o sem esforço, sem cálculo e, por assim dizer, sem pensar. Aquele que é obrigatório a combater as suas más tendências vive ainda em luta; a primeira já venceu, o segundo

Allan Kardec

procurar vencer. Existe pois, a virtude original, como existe o saber original, e o pecado ou, antes, o vício original.

39. O Espiritismo experimental estudou as propriedades dos fluídos espirituais e a ação deles sobre a matéria. Demonstrou a existência do perispírito, suscitado desde a Antiguidade e designado por S. Paulo sobre o nome de corpo espiritual, isto é, corpo fluídico da alma depois da destruição do corpo tangível. Sabe-se hoje que esse invólucro é inseparável da alma, forma um dos elementos constitutivos do ser humano, é o veículo de transmissão do pensamento e, durante a vida do corpo, serve de laço entre o Espírito e a matéria. O perispírito representa importantíssimo papel no organismo e numa multidão de afecções, que se ligam a fisiologia, assim como à psicologia.

40 O estudo das propriedades do perispírito, dos fluídos espirituais e dos atributos fisiológicos da alma abre novo horizonte à Ciência e dá a chave de uma multidão de fenômenos incompreendidos até então, por falta de conhecimento da lei que os rege – fenômenos negados pelo materialismo, por se prenderem à espiritualidade, e qualificados como milagres e sortilégios por outras crenças. Tais são,

Allan Kardec

entre muitos, os fenômenos da dupla vista, da visão a distancia, do sonambulismo natural e artificial, dos efeitos psíquicos da catalepsia e da letargia, da presciência, dos pressentimentos, das aparições, das transfigurações, da transmissão do pensamento, da fascinação, das curas instantâneas, das obsessões e possessões, etc. Demonstrando que esse fenômenos repousam em leis naturais, com os fenômenos elétricos, e em que condições normais podem reproduzir, o Espiritismo derroca o império do maravilhoso e do sobrenatural e, conseqüentemente, a fonte da maior parte das superstições. Se faz as creia a possibilidade de certas coisas consideradas por alguns como quiméricas, também impede que se creia em muitas outras, das quais ele demonstra a impossibilidade e a irracionalidade.

41. O Espiritismo, longe de negar ou destruir o Evangelho, vem, ao contrário, confirmar, explicar e desenvolver, pelas novas leis da Natureza, que revela tudo quanto o Cristo disse e fez; elucida os pontos obscuros do ensino cristão, de tal sorte que aqueles para quem era ininteligíveis certas partes do evangelho, ou pareciam inadmissíveis, as compreendem e admitem, sem dificuldade, com o auxilio desta doutrina; vêem melhor o seu alcance e

Allan Kardec

podem distinguir entre a realidade e a alegoria; o Cristo lhes parece maior; já não é simplesmente um filósofo, é um Messias divino.

42. Demais, se se considerar o poder moralizador do Espiritismo pela finalidade que assina a todas as ações da vida, por tornar quase tangíveis as conseqüências do bem e do mal, pela força moral, a coragem e as consolações que dá suas aflições, mediante inalterável confiança no futuro, pela idéia de ter cada um perto de si os seres a quem amou, a certeza de os rever, a possibilidade de confabular com eles; enfim, pela certeza de que tudo quanto se fez, quanto se adquiriu em inteligência, sabedoria, moralidade, até à última hora da vida, não fica perdida, reconhece-se que o Espiritismo realiza todas as promessas do Cristo a respeito do Consolador anunciado. Ora, como é o Espírito de Verdade que preside ao grande movimento da regeneração, a promessa de sua vinda se acha por essa forma cumprida, porque, de fato, é ele o verdadeiro Consolador⁴.

⁴ Nota de A.K. - Muitos pais deploram a morte prematura dos filhos, para cuja educação fizeram grandes sacrifícios, e dizem consigo mesmo que tudo foi em pura perda. À luz do Espiritismo, porém, não lamentam esses sacrifícios e estariam prontos a fazê-los, mesmo tendo a certeza de que venham morrer seus filhos, porque sabem que se eles não à aproveitam na vida presente, essa

Allan Kardec

43. Se estes resultados adicionarmos a rapidez prodigiosa da propagação do Espiritismo, apesar de tudo quanto fazem por abate-lo, não se poderá negar que a sua vinda seja providencial, visto como ele triunfa de todas as forças e de toda a má vontade dos homens. A facilidade com que é aceito por grande número de pessoas, sem constrangimento, apenas pelo poder da idéia, prova que ele corresponde a uma necessidade, qual a de crer o homem em alguma coisa para encher o vácuo aberto pela incredulidade e que, portanto, veio no momento preciso.

educação servirá, primeiro que tudo, para o seu adiantamento espiritual, e, mais, que serão aquisições novas para outra existência e que, quando voltarem a este mundo, terão um patrimônio intelectual que os tornará mais aptos a adquirirem novos conhecimentos.

Tais essas crianças que trazem, ao nascer, idéias inatas – que sabem, por assim dizer, sem precisarem aprender.

Se os pais não têm a satisfação imediata de ver os filhos aproveitando da educação que lhes deram, gozá-la-ão certamente mais tarde, quer como Espírito, quer como homens. Talvez sejam eles de novo os pais desses mesmos filhos, que se apontam como afortunadamente dotados pela natureza e que devem as suas aptidões a uma educação precedente; assim também, se os filhos se desviam para o mal, pela negligencia dos pais, estes podem vir a sofrer mais tarde desgostos e pesares que àqueles suscitarão em nova existência. (O Evangelho segundo o Espiritismo, ca. V, nº 21, “Mortes prematuras”.)

Allan Kardec

44. São em grande número os aflitos; não é, pois, de admirar que tanta gente acolha uma doutrina que consola, de preferência às que desesperam, porque aos deserdados, mais do que aos felizes do mundo, é que o Espiritismo se dirige. O doente vê chegar o médico com maior satisfação do que aquele que está bem de saúde; ora, os aflitos são os doentes e o consolador o médico.

Vós que combateis o Espiritismo, se quereis que o abandonemos para vos seguir, dai-nos mais e melhor do que ele; curai com maior segurança as feridas da alma. Dai mais consolações, mais satisfações ao coração, esperanças mais legítimas, maiores certezas; fazei do futuro um quadro mais racional, mais sedutor; porém, não julgueis vencê-lo com a perspectiva do nada, com a alternativa das chamas do inferno, ou com a inútil contemplação perpétua⁵.

⁵ Nota do Tradutor: A versão original do “Caráter da Revelação Espírita”, publicada na Revista Espírita de setembro de 1867, continua a seguinte Nota de Allan Kardec, suprimida na edição definitiva, e que repomos em seu devido lugar: “O Espiritismo não é contrário à crença dogmática relativa à natureza do Cristo e, neste caso, pode-se dizer o complemento do Evangelho, se contradiz?”

Allan Kardec

45. A primeira revelação teve a personificação em Moisés, a segunda no Cristo, a terceira não a tem em indivíduo algum. As duas primeiras foram individuais, a terceira coletiva; aí está o caráter essencial de grande importância. Ela é coletiva no sentido de não ser feita ou dada como privilégio a

“A solução desta questão não toca apenas de maneira acessória o Espiritismo, que não deve preocupar-se com os dogmas particulares de tal ou qual religião. Simples doutrina filosófica, não se apresenta como campeão, nem como adversário sistemático de nenhum culto, deixando a cada um a sua crença.

“A questão da natureza do Cristo é capital do ponto de vista cristão. Não pode ser tratada levemente e não são as opiniões pessoais nem dos homens nem dos Espíritos, que a podem decidir. Em assunto semelhante, não basta afirmar ou negar, é preciso provar. Ora, de todas as razões alegadas a favor ou contra, nenhuma há que não seja mais ou menos hipotética, visto que todas são questionáveis. Os materialistas não viram a coisa senão com os olhos da incredulidade e a idéia preconcebida da negação; os teólogos, com os olhos da fé cega, e a idéia preconcebida da afirmação; nem uns, nem outros estavam em condições necessárias de imparcialidade; interessados em sustentar sua opinião, só viram e buscaram o que a ela poderia ser favorável e fecharam os olhos ao que lhes podia ser contrário. Se, desde que a questão foi agitada, ainda não foi resolvida de maneira peremptória; é que faltam elementos, os únicos que lhes podem dar a chave, absolutamente como faltava aos sábios da antiguidade os conhecimentos das leis da luz, para explicar o fenômeno do arco-íris.

Allan Kardec

pessoa alguma: ninguém, por consequência, pode inculcar-se como seu profeta exclusivo; foi espalhada simultaneamente, por sobre a Terra, a milhões de pessoas, de todas as idades e condições, desde a mais baixa até a mais alta da escala, conforme esta predição registrada pelo autor dos Atos dos Apóstolos: “Nos

“O Espiritismo é neutro nesta questão; não está mais interessado numa solução do que na outra; marchou sem isto e marchará ainda, seja qual for o resultado; colocado fora dos dogmas particulares, não é para ele questão de vida ou de morte. Quando a abordar, apoiando todas as suas teorias nos fatos, resolvê-la-á pelos fatos, e em tempo oportuno; se tivesse urgência, ela já teria resolvido. Os elementos de uma solução hoje estão completos, mas o terreno ainda não está preparado para receber a semente. Uma solução prematura, fosse qual fosse, encontraria muita oposição de parte a parte, e o Espiritismo perderia mais partidários do que os conquistaria. Eis por que a prudência nos impõe o dever de nos abstermos de toda polêmica sobre o assunto, até que estejamos certos de poder colocar o pé em terra firme. Enquanto se espera, deixamos que discutam os prós e os contras fora do Espiritismo, nem nisto tomar parte, deixando que os dois partidos esgotem seus argumentos. Quando o momento for propício, levaremos para a balança, não a nossa opinião pessoal, que não tem nenhum peso, nem pode fazer lei, mas fatos até este momento não observados, e então cada um pode julgar com conhecimento de causa. Tudo quanto podemos dizer, sem prejudicar a questão é que a solução, em qualquer sentido em que for dado, e não contestará nem os atos, nem as palavras do Cristo, mas, ao contrário, os confirmará, elucidando-os.

Allan Kardec

últimos tempos, disse o Senhor, derramarei o meu espírito sobre toda a carne; os vossos filhos e filhas profetizarão, os mancebos terão visões, e os velhos sonhos”. (Atos, 2:17 e 18.) Ela não proveio de nenhum

“Portanto, aos que nos perguntam o que diz o Espiritismo sobre a natureza do Cristo, respondemos invariavelmente: “É uma questão de dogma, estranha ao objeto da Doutrina”. O objetivo que todos espírita deve perseguir, se quiser merecer esse título, é o seu próprio melhoramento moral. Sou melhor do que o era? Corrigi-me de algum defeito? Fiz o bem ou o mal ao próximo? Eis o que todo o espírita sincero e convicto deve se perguntar. Que importa saber se o Cristo era Deus, ou não, se se é sempre egoísta, orgulhoso, ciumento, invejoso, colérico, maledicente, caluniador? A melhor maneira de honrar o Cristo é imita-lo em sua conduta. Fazendo o contrário do que Ele diz, quanto mais o eleva no pensamento, menos se é digno dele e mais se insulta e profana. O Espiritismo diz aos seus adeptos: “Praticai as virtudes recomendadas pelo Cristo e sereis mais cristãos do que muitos que se fazem passar como tais”. Aos católicos, protestantes e outros, Ele diz: “Se temeis que o Espiritismo perturbe a vossa consciência, não vos ocupeis dele”; Dirige-se apenas aos que a Ele vêm livremente, e dele necessitam. Não se dirige aos que têm uma fé qualquer e a quem esta fé basta, mas aos que não a têm ou que duvidam, e lhes dá a crença que lhes falta, não mais particularmente a do Catolicismo, do Protestantismo, do Judaísmo ou do Islamismo, mas a crença fundamental, base indispensável de toda a religião. Aí termina o seu papel. Estabelecida esta base,

Allan Kardec

culto especial, a fim de servir um dia, a todos, do ponto de ligação⁶.

46. As duas primeiras revelações, sendo fruto do ensino pessoal, ficaram forçosamente localizadas, isto é, apareceram num só ponto, em torno do qual a idéia se propagou pouco a pouco; mas, foram precisos cada um é livre para seguir a rota que melhor satisfaça à sua razão.”

⁶ Nota de A.K.: O nosso papel pessoal, no grande movimento de idéias q'lue se prepara pelo Espiritismo e que começa a operar-se, é o de um observador atento, que estuda os fatos para lhes descobrir a causa e tirar-lhe as conseqüências. Confrontamos todos os que nos têm sido possível reunir, comparamos e comentamos as instruções dadas pelos Espíritos em todos os pontos do globo e depois coordenamos metodicamente o conjunto; em suma, estudamos e demos ao público o fruto das nossas indagações, sem atribuímos aos nossos trabalhos valor maior do que o de uma obra filosófica deduzida da observação e da experiência, sem nunca nos considerarmos chefe da Doutrina, nem procurarmos impor as nossas idéias a quem quer que seja. Publicando-as, usamos de um direito comum e aqueles que as aceitaram o fizeram livremente. Se essas idéias acharam numerosos simpatizantes, é porque tiveram a vantagem de corresponder às aspirações de avultado número de criaturas, mas disso não colhemos vaidade alguma, dado que a sua origem não nos pertence. O nosso maior mérito é a perseverança e a dedicação à causa que abraçamos. Em tudo isso, fizemos o que outro qualquer poderia ter feito como nós, razão pela qual nunca

Allan Kardec

muitos séculos para que atingissem as extremidades do mundo, sem mesmo o invadirem inteiramente. A terceira tem isso de particular: não estando personificada em um só indivíduo, surgiu simultaneamente em milhares de pontos diferentes, que se tornaram centros ou focos de irradiação. Multiplicando-se esses centros, seus raios se reúnem pouco a pouco, como os círculos formados por uma multidão de pedras lançadas na água, de tal sorte que em dado tempo acabarão por cobrir toda a superfície do globo.

Essa uma das causas de rápida propagação da doutrina. Se ela tivesse surgido num só ponto, se fosse obra exclusiva de um homem, houvera formado seitas em torno dela; e talvez decorresse meio século sem que ela atingisse os limites do país onde começará, ao passo que, após dez anos, já estende raízes de um pólo a outro.

47. Esta circunstância, inaudita na história das doutrinas, lhe dá força excepcional e irresistível poder de ação; de fato, se a perseguirem num ponto, em determinado país, será materialmente impossível que a perseguirem em toda parte e em todos os países. Em

tivemos a pretensão de nos julgarmos profeta ou messias, nem, ainda menos, de nos apresentarmos como tal.

Allan Kardec

contraposição a um lugar onde lhe embarcem a marcha, haverá mil outros em que florescerá. Ainda mais se a ferirem num indivíduo, não poderão feri-la nos Espíritos, que são a fonte donde ela pro mana. Ora, como os Espíritos estão em toda a parte e existirão sempre, se, por um acaso impossível, conseguissem sufoca-la em todo o globo, ela reapareceria pouco tempo depois, porque repousa sobre um fato que está na Natureza e não se podem suprimir as leis da Natureza. Eis aí o de que se devem persuadir aqueles que sonham com o aniquilamento do Espiritismo. (Revue Spirite, fé. 1865, pág. 38: "Perpetuidade do espiritismo".)

48. Entretanto disseminados os centro, poderiam ainda permanecer por muito tempo isolados uns dos outros, confinados como estão alguns em países longínquos. Faltava eles uma ligação, que os pusesse em comunhão de idéias com seus irmãos em crença, informando-os do que se fazia algures. Esse traço de união, que na Antiguidade teria faltado ao Espiritismo, hoje existe nas publicações que vão a toda a parte, condensando, sob uma forma única, concisa e metódica, o ensino dado universalmente sob formas múltiplas nas diversas línguas.

Allan Kardec

49. as duas primeiras revelações só podiam resultar de um ensino direto; como os homens não estivesse ainda bastante adiantados a fim de concorrerem para a sua elaboração, elas tinham que ser impostas pela fé, sob a autoridade da palavra do Mestre.

Contudo, notam-se entre as duas bem sensível diferença, devida ao progresso dos costumes e das idéias, se bem que feitas ao mesmo povo e no mesmo meio, mas com dezoito séculos de intervalo. A doutrina de Moisés é absoluta, despótica; não admite discussão e se impõe ao povo pela força. A de Jesus é essencialmente conselheira; é livremente aceita e só se impõe pela persuasão; foi controvertida desde o tempo do seu fundador, que não desdenhava de discutir com os seus adversários.

50. A terceira revelação, vinda uma época de emancipação e madureza intelectual, em que a inteligência, já desenvolvida, não se resigna a representar papel passivo; em que o homem nada aceita às cegas, mas quer ver aonde o conduzem, quer saber porquê e o como de cada coisa – tinha ela quer ser ap mesmo tempo o produto de um ensino e o fruto de um trabalho, de pesquisa e do livre-exame. Os Espíritos não ensinam senão justamente o que é mister

Allan Kardec

para guia-lo no caminho da verdade, mas abstêm-se de revelar o que o homem pode descobrir por si mesmo, deixando-lhe o cuidado de discutir, verificar e submeter tudo ao cadinho da razão, deixando mesmo, muitas vezes, que adquira experiência à sua custa. Fornecem-lhe o princípio, os materiais; cabe a ele aproveitá-los e pô-los em obra (nº 15).

51. Tendo sido os elementos da revelação espírita misturados simultaneamente em muitos pontos, a homens de todas as condições sociais e de diversos graus de instrução, é claro que as observações não podiam ser feitas em toda parte com o mesmo resultado; que as conseqüências a tirar, a dedução das leis que regem esta ordem de fenômenos, em suma, a conclusão sobre que haviam de firmar-se as idéias não podiam sair senão do conjunto e da correlação dos fatos. Ora, cada centro isolado, circunscrito dentro de um círculo restrito, não veda as leis das vezes senão uma ordem particular de fatos, não raro contraditórios na aparência, geralmente provindo de uma mesma categoria de Espíritos e, ao demais, embaraçados por influências locais e pelo espírito de partido, se achava na impossibilidade material de abranger o conjunto e, por isso mesmo, incapaz de conjurar as observações isoladas a um princípio comum. Apreciando cada qual

Allan Kardec

os fatos sob o ponto de vista dos seus conhecimentos e crenças anteriores, ou da opinião especial dos Espíritos que se manifestassem, bem cedo teria surgido tantas teorias e sistemas, quantos fossem os centros, todos incompletos por falta de elementos de comparação e exame. Numa palavra, cada qual se teria imobilizado na sua revelação parcial, julgando possuir toda a verdade, ignorando que em cem outros lugares se obtinham mais ou melhor.

52. Além disso, convém notar que em parte alguma o ensino espírita foi dado integralmente; ele diz respeito a tão grande número de observações, a assuntos diferentes, exigindo conhecimentos e aptidões mediúnicas especiais, que impossível era acharem-se reunidas num mesmo ponto todas as condições necessárias. Tendo o ensino quer ser coletivo e não individual, os Espíritos dividiram o trabalho, disseminando os assuntos de estudos e observação como, em algumas fábricas, a confecção de cada parte de um mesmo objeto é repartida por diversos operários.

A revelação fez-se assim parcialmente em diversos lugares e por uma multidão de intermediários e é dessa maneira que prossegue ainda, pois que nem tudo foi revelado. Cada centro encontra mos outros

Allan Kardec

centros o complemento do que obtém, e foi o conjunto, a coordenação de todos os ensinamentos parciais que constituíram a Doutrina Espírita.

Era, pois, necessário agrupar os fatos espalhados, para se lhes apreender a correlação, reunir os documentos diversos, as instruções dadas pelo Espírito sobre todos os pontos e sobre todos os assuntos, para as comparar, analisar, estudar-lhes as analogias e as diferenças. Vindo as comunicações de espíritos de todas as ordens, mais ou menos esclarecidos, era preciso apreciar o grau de confiança que a razão permitia conceder-lhes, distinguir as idéias sistemáticas individuais ou isoladas das que tinham a sanção do ensino geral dos Espíritos, as utopias das idéias práticas, afastar as que eram notoriamente desmentidas pelos dados da ciência positiva e da lógica, utilizar igualmente os erros, as informações fornecidas pelos Espíritos, mesmo os da mais baixa categoria, para conhecimento do estado do mundo invisível e formar com isso um todo homogêneo.

Era preciso, numa palavra, um centro de elaboração, independente de qualquer idéia preconcebida, de todo o prejuízo de seita, resolvido a aceitar a verdade tornada evidente, embora contrária às

Allan Kardec

opiniões pessoais. Este centro se formou por si mesmo, pela força das coisas e sem desígnios premeditado⁷.

53. De todas essas coisas originou-se dupla corrente de idéias, umas, dirigindo-se das extremidades para o centro; as outras encaminhando-se do centro para a circunferência. Desse modo, a Doutrina

⁷ Nota de A.K.: O Livro dos Espíritos, a primeira obra que levou o Espiritismo a ser considerado de um ponto de vista filosófico, pela dedução das conseqüências morais dos fatos; que considerou toda as partes da Doutrina, tocando nas questões mais importantes que ela suscita, foi, desde o seu aparecimento, o ponto para onde convergiram espontaneamente os trabalhos individuais. É notório que da publicação desse livro data a era do Espiritismo filosófico, até então conservado no domínio das experiências curiosas. Se esse livro conquistou as simpatias da maioria é que exprimia os sentimentos dela, correspondia às suas aspirações e encerrava também a confirmação e a explicação racional do que cada um obtinha em particular. Se estivesse em desacordo com o ensino geral dos Espíritos, teria caído no descrédito e no esquecimento. Ora, qual foi aquele ponto de convergência? Decerto não foi o homem, que nada vale por si mesmo, que morre e desaparece; mas, a idéia, que não fenece quando emana de uma fonte superior ao homem.

Essa espontânea concentração de forças dispersas deu lugar a uma amplíssima correspondência, monumento único no mundo, quadro vivo da verdadeira história do Espiritismo moderno, onde se refletem ao mesmo tempo os trabalhos parciais, os sentimentos múltiplos que a Doutrina fez nascer, os resultados morais, as dedicações, os desfalecimentos; arquivos preciosos

Allan Kardec

caminhou rapidamente para a unidade, malgrado à diversidade das fontes donde pro manou; os sistemas divergentes ruíram pouco a pouco, devido ao isolamento em que ficaram, diante do ascendente da opinião da maioria, em qual não entraram repercussão simpática.

Desde então, uma comunhão de idéias se estabeleceu entre os diversos centros parciais. Falando a mesma linguagem espiritual, eles se estendem e estimam, de um extremo a outro do mundo.

Sentiram-se assim mais fortes os espíritas, lutaram com mais coragem, caminharam com passo mais firme, desde que não mais se viram insulados, desde que perceberam num ponto de apoio, um laço a prende-los à grande família. Não lhes pareceram singulares, anormais, nem contraditórios os fenômenos que presenciavam, desde que puderam conjuga-los a leis gerais e descobrir um fim grandioso e humanitário em todo o conjunto⁸.

para a posteridade, que poderá julgar os homens e as coisas através de documentos autênticos. Em presença desses testemunhos inexpugnáveis, a que se reduzirão, com o tempo, todas as falsas alegações da inveja e do ciúmes?...

⁸ Nota de A.K.: Significativo testemunho, tão notável quão tocante, dessa comunhão de idéias que se estabeleceu entre os espíritas, pela conformidade de suas crenças, são os pedidos de

Allan Kardec

Mas, como se há de saber se um principio é ensinado por toda a parte, ou se apenas exprime uma opinião pessoal? Não estando os grupos independentes em condições de saber o que se diz alhures, necessário se fazia que um centro reunisse todas as instruções,

preces que nos chegam dos mais distantes países, desde o Peru até as extremidades da Ásia, feitos por pessoas de religiões e nacionalidades diversas e as quais nunca vimos. Não é isso um prelúdio da grande unificação que se prepara? Não é a prova de que por toda parte o Espiritismo lança raízes fortes?

Digno de nota é que, de todos os grupos que se têm formado com a intenção premeditada de abrir cisão, proclamando princípios divergentes, do mesmo modo que de todos quantos, apoiando-se em razões de amor-próprio ou outras quaisquer, para não parecer que se submetem à lei comum, se consideraram fortes bastante para caminhar sozinhos, possuidores de luzes suficientes para prescindirem de conselhos, nenhum chegou a construir uma idéia que fosse preponderante e viável. Todos se extinguiram ou vegetaram na sombra. Nem de outro modo poderia ser, dado que, para se exalçarem, em vez de se esforçarem por proporcionar maior soma de satisfações, rejeitavam princípios da Doutrina, precisamente o que de mais atraente há nela, o que de mais consolador ela contém e de mais racional. Se houvessem compreendido a força dos elementos morais que lhe constituíram a unidade, não se teriam embalado com ilusões quiméricas. Ao contrário, tornando como se fosse o Universo o pequeno círculo que constituíam, não viram nos adeptos mais que uma camarilha facilmente derrubável por outra camarilha. Era equivocar-se de

Allan Kardec

para proceder a uma espécie de apuro das vozes e transmitir a todos a opinião da maioria⁹.

54. Nenhuma ciência existe que haja saído prontinha do cérebro de um homem. Todas, sem exceção de nenhuma, são fruto de observações sucessivas, apoiadas em observações precedentes, como em um ponto conhecido, para chegar ao desconhecido. Foi assim que os espíritos procederam, com relação ao Espiritismo. Daí o ser gradativo o ensino que ministram. Eles não enfrentam as questões, senão à medida que os princípios sobre que hajam de

modo singular, no tocante aos caracteres essenciais da Doutrina e semelhante erro só decepções podia acarretar. Em lugar de romperem a unidade, quebraram o único laço que lhes podia dar força e vida. (Veja-se: *Revue Spirite*, abril de 1866, págs. 106 e 111: “O Espiritismo sem os Espíritos” e “O Espiritismo independente”.)

⁹ Nota de A.K.: Esse o objeto das nossas publicações, que se podem considerar o resultado de um trabalho de apuro. Nelas, todas as opiniões são discutidas, mas as questões somente são apresentadas em forma de princípios, depois de haverem recebido a consagração de todas as comprovações, as quais, só elas, lhes podem imprimir força de lei e permitir afirmações. Eis pó que não preconizamos levemente nenhuma teoria e é nisso exatamente que a doutrina, decorrendo do ensino geral, não representa produto de um sistema preconcebido. É também donde tira sua força e o que lhe garante o futuro.

Allan Kardec

apoiar-se estejam suficientemente elaborados e amadurecida bastante a opinião para os assimilar. É mesmo de notar-se que, de todas as vezes que os centros particulares têm querido tratar de questões prematuras, não obtiveram mais do respostas contraditórias, nada concludentes. Quando, ao contrario, chega o momento oportuno, o ensino se generaliza e se unifica na quase universalidade dos centros.

Há, todavia, capital diferença entre a marcha do Espiritismo e a das ciências; a de que estas não atingiram o ponto que alcançaram, senão após longos intervalos, ao passo que alguns anos bastaram ao espiritismo, quando não a galgar o ponto culminante, pelo menos a recolher uma soma de observações bem grande para formar uma Doutrina. Decorre esse fato de ser inumerável a multidão de Espíritos que, por vontade de Deus, se manifestam simultaneamente, trazendo cada um o contingente de seus conhecimentos. Resultou daí que todas as partes da Doutrina, em vez de serem elaboradas sucessivamente durante longos anos, o foram quase ao mesmo tempo, em alguns anos apenas, e que bastou reuni-las para que estruturassem um todo.

Allan Kardec

Quis Deus fosse assim, primeiro, para que o edifício mais rapidamente chegasse ao ápice; em seguida, para que se pudesse, por meio da comparação, conseguir uma verificação, a bem dizer imediata e permanente, da universalidade do ensino, nenhuma de suas partes tendo valor, nem autoridade, a não ser pela sua conexão com o conjunto, devendo todos harmonizar-se, colocado cada um no devido lugar e vindo cada um na hora oportuna.

Não confiando a um único Espírito o encargo de promulgar a doutrina, quis Deus, também, que, assim o mais pequenino como o maior, tanto entre os Espíritos, quanto entre os homens, trouxesse sua pedra para o edifício, a fim de estabelecer entre eles um laço de solidariedade cooperativa, que faltou a todas as doutrinas decorrentes de um tronco único.

Por outro lado, dispondo todo Espírito, como todo homem, apenas de limitada soma de conhecimentos, não estavam eles aptos, individualmente, a tratar ex-professo das inúmeras questões que o Espiritismo envolve. Essa ainda uma razão por que, em cumprimento dos desígnios do Criador, não podia a Doutrina ser obra nem de um só Espírito, nem de um só médium. Tinha que emergir da

Allan Kardec

coletividade dos trabalhos, comprovados uns pelos outros¹⁰.

55. Um último caráter da revelação espírita, a ressaltar das condições mesmas em que ela se produz, é que, apoiando-se em fatos, tem que ser, e não pode deixar de ser, essencialmente progressiva, como todas as ciências de observação. Pela sua substância, alia-se à Ciência que, sendo a exposição das leis da Natureza, com relação a certa ordem de fatos, não pode ser contrária às leis de Deus, autor daquelas leis. As descobertas que a Ciência realiza, longe de o rebaixarem, glorificam a Deus; unicamente destroem o que os homens edificaram sobre as falsas idéias que formaram de Deus.

O Espiritismo, pois, não estabelece como princípio absoluto senão o que se acha evidentemente demonstrado, ou o que ressalta logicamente da observação. Entendendo-se com todos os ramos da economia social, aos quais dá o apoio das suas próprias descobertas, assimilará sempre todas as doutrinas progressivas de qualquer ordem que sejam, desde que

¹⁰ Nota de A.K.: Veja-se, em o O Evangelho segundo o Espiritismo, “Introdução!, item II, e Revue Spirite, de abril de 1864, pág. 99: “Autoridade da Doutrina Espírita, controle universal do ensino dos Espíritos”.

Allan Kardec

haja assumido o estado de verdades práticas e abandonado o domínio da utopia, sem o que ele se suicidaria. Deixando de ser o que é, mentira à sua origem e ao seu fim providencial. Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará¹¹.

56. Qual a utilidade da doutrina moral dos espíritos, uma vez que não difere da do Cristo? Precisa o homem de uma revelação? Não pode achar em si próprio tudo o que lhe é necessário para conduzir-se?

Do ponto de vista moral, é fora de dúvida que Deus outorgou ao homem um guia, dando-lhe a consciência, que lhe diz: “Não faça a outrem o que

¹¹ Nota de a.K.: diante de declarações tão nítidas e tão categóricas, quais as que se contém neste capítulo, caem por terra todas as alegações de tendência ao absolutismo e à autocracia dos princípios, bem como todas as falsas assimilações que algumas pessoas prevenidas ou mal-informadas emprestam a Doutrina. Não são novas, aliás, estas declarações; têm-las repetido muitíssimas vezes nos nossos escritos, para que nenhuma dúvida persista a tal respeito. Elas, ao demais, assinalam o verdadeiro papel que nos cabe, único que ambicionamos: o de mero trabalhador.

Allan Kardec

não quererias te fizessem”. A moral natural está positivamente inscrita no coração dos homens; porém, sabem todos lê-la nesse livro? Nunca lhe desprezaram os sábios preceitos? Que fizeram da moral do Cristo? Como a praticaram mesmo aqueles que a ensinam? Reprovareis que um pai repita a seus filhos dez vezes, cem vezes as mesmas instruções, desde que eles não as sigam? Por que haveria deus de fazer menos do que um pai de família? Por que não enviaria, de tempos a tempos, mensageiros especiais aos homens, para lhes lembrar os deveres e reconduzi-los ao bom caminho, quando deste se afastam; para abrir os olhos da inteligência aos que os trazem fechados, assim como os homens mais adiantados enviam missionários aos selvagens e aos bárbaros?

A moral que os Espíritos ensinam é a do Cristo, pela razão de que não há outra melhor. Mas, então, de que serve o ensino deles, se apenas repisam o que já sabemos? Outro tanto se poderia dizer da moral do cristo, que já Sócrates e Platão ensinaram quinhentos anos antes e em termos quase idênticos. O mesmo se poderia dizer também das de todos os moralistas, que nada mais fazem do que repetir a mesma coisa em todos os tons e sob todas as formas. Pois bem! os espíritos vêm, muito simplesmente, aumentar o

Allan Kardec

número dos moralistas, com a diferença de que, manifestando-se por toda parte, tanto se fazem ouvir na choupana, como no palácio, assim pelos ignorantes, como pelos instruídos.

O que o ensino dos Espíritos acrescenta à moral do Cristo é o conhecimento dos princípios que regem as relações entre mortos e os vivos, princípios que completam as noções vagas que se tinham da alma, de passado e de seu futuro, dando por sanção à doutrina cristã as próprias leis da Natureza. Com o auxílio das novas luzes que o Espiritismo e os Espíritos espargem, o homem se reconhece solidário com todos os seres e compreende essa solidariedade; a caridade e a fraternidade se torna uma necessidade social; ele faz por convicção o que fazia unicamente por dever, e o faz melhor.

Somente quando praticarem a moral do Cristo, poderão os homens dizer que não mais precisam de moralistas encarnados ou desencarnados. Mas, também, Deus, então, já não lhos enviará.

57. Uma das questões mais importantes entre as propostas no começo deste capítulo, é a seguinte; Que autoridade tem a revelação espírita, uma vez que emana de seres de limitadas luzes e não infalíveis?

Allan Kardec

A objeção seria poderosa, se essa revelação consistisse apenas no ensino dos Espíritos, se deles exclusivamente a devêssemos receber e houvésssemos de aceita-la de olhos fechados. Perde, porém, todo valor, desde que o homem concorra para a revelação com o seu raciocínio e o seu critério; desde que os espíritos se limitam a pô-lo no caminho das deduções que ele pode tirar da observação dos fatos. Ora, as manifestações, nas suas inúmeras modalidades, são fatos que o homem estuda para lhes deduzir a lei, auxiliado nesse trabalho por Espíritos de todas as categorias, que, de tal modo, são mais colaboradores seus do que reveladores, no sentido usual do termo. Ele lhes submete os dizeres ao cadinho da lógica e do bom senso: desta maneira se beneficia dos conhecimentos especiais de que os Espíritos dispõe pela posição em que se acham, sem abdicar o uso da própria razão.

Sendo os Espíritos unicamente as almas dos homens, comunicando-nos com eles não saímos fora da Humanidade, circunstância capital a considerar-se. Os homens de gênio, que foram fochos da Humanidade, vieram do mundo dos Espíritos e para lá voltaram, ao deixarem a Terra. Dado que os espíritos podem comunicar-se com os homens, esses mesmos gênios podem dar-lhes instruções sob a forma

Allan Kardec

espiritual, como o fizeram sob a forma corpórea. Podem instruir-nos, depois de terem morrido, tal qual faziam quando vivos; apenas, são invisíveis, em vez de serem visíveis; essa a única diferença. Não devem ser menores do que eram a experiência e o saber que possuem e, se a palavra deles, como homens, tinha autoridade, não na pode ter menos, somente por estarem no mundo dos Espíritos.

58. Mas nem só os Espíritos superiores se manifestam; fazem-no igualmente os de todas as categorias e preciso era que assim acontecesse, para nos iniciarmos no que respeita ao verdadeiro caráter do mundo espiritual, apresentando-se-nos este por todas as suas faces. Daí resulta serem mais íntimas as relações entre o mundo visível e o mundo invisível e mais evidente a conexão entre os dois. Vemos assim mais claramente donde procedemos e para onde iremos. Esse o objeto essencial das manifestações. Todos os Espíritos, pois, qualquer que seja o grau de elevação em que se encontrem, alguma coisa nos ensinam; cabe-nos, porém, a nós, visto que eles são mais ou menos esclarecidos, discernir o que há de bom ou de mau no que nos digam e tirar do ensino que não dêem, o proveito possível. Ora, todos, quaisquer que

Allan Kardec

sejam, nos podem ensinar ou revelar coisas que ignoramos e que sem eles nunca saberíamos.

59. Os grandes Espíritos encarnados são, sem contradita, individualidades poderosas, mas de ação restrita e de lenta propagação. Viesse um só dentre eles, embora fosse Elias ou Moisés, Sócrates ou Platão, revelar, nos tempos modernos, aos homens, as condições do mundo espiritual, quem provaria a veracidade das suas asserções, nesta época de cepticismo? Não o tomariam por sonhador ou utopista? Mesmo que fosse verdade absoluta o que dissesse, séculos se escoariam antes que as massas humanas lhe aceitassem as idéias. Deus, em sua sabedoria, não quis que assim acontecesse; quis que o ensino fosse dado pelos próprios Espíritos, não por encarnados, a fim de que aqueles convencessem de sua existência a estes últimos e quis que isso ocorresse por toda a Terra simultaneamente, quer para que o ensino se propagasse com maior rapidez, quer para que, coincidindo em toda parte, constituísse uma prova de verdade, tendo assim cada um o meio de convencer-se a si próprio.

60. Os Espíritos não se manifestam para libertar do estudo e das pesquisas o homem, nem para lhe transmitirem pronta nenhuma ciência. Com relação ao que o homem pode achar por si mesmo, eles o

Allan Kardec

deixam entregue às suas próprias forças. Isso sabem-no hoje perfeitamente os espíritas. De há muito, a experiência há demonstrado ser errôneo atribuir-se aos Espíritos todo o saber e toda a sabedoria e superiores que baste a quem quer que seja dirigir-se ao primeiro Espírito que se apresente para conhecer todas as coisas. Saídos da humanidade, eles constituem uma de suas faces. Assim como na Terra, no plano invisível também os há superiores e vulgares, muitos, pois, que, científica e filosoficamente, sabem menos do que certos homens; eles dizem o sabem, nem mais, nem menos. Do mesmo modo que os homens, os espíritos mais adiantados podem instruir-nos sobre maior porção de coisas, dar-nos opiniões mais judiciosas, do que os atrasados. Pedir o homem conselho aos Espíritos não é entrar em entendimento com potencias sobrenaturais; é tratar com seus iguais, com aqueles mesmos a quem ele se dirigiria neste mundo; a seus parentes, seus amigos, ou indivíduos mais esclarecidos do que ele. Disto é que importa se convençam todos e é o que ignoram os que, não tendo estudado o Espiritismo, fazem idéia completamente falsa. Da natureza do mundo dos Espíritos e das relações com o além-túmulo.

Allan Kardec

61. Qual, então a utilidade dessas manifestações ou se o preferirem, dessa revelação, uma vez que os Espíritos não sabem mais do que nós, ou não nos dizem tudo o que sabem?

Primeiramente, como já o declaramos, eles se abstêm de nos dar o que podemos adquirir pelo trabalho; em segundo lugar, há coisas cuja revelação não lhes é permitida, porque o grau do nosso adiantamento não as comporta. Afora isso, as condições da nova existência em que se acham lhes dilatam o círculo das percepções; eles vêem o que não viam na Terra; libertos dos entraves da matéria, isentos dos cuidados da vida corpórea, apreciam as coisas de um ponto de vista mais elevado e, portanto, mais são; a perspicácia de que gozam abrange mais vasto horizonte; compreendem seus erros, retificam suas idéias e se desembaraçam dos prejuízos humanos.

É nisso que consiste a superioridade dos Espíritos em relação a humanidade corpórea e daí vem a possibilidade de serem seus conselhos, segundo o grau de adiantamento que alcançam, mais judiciosos e desinteressados do que os dos encarnados. O meio em que se encontram lhes permite, ao demais, iniciar-nos as coisas que ignoramos, relativas à vida futura e não podemos aprender no meio em que estamos. Até ao

Allan Kardec

presente, o homem apenas formulara hipóteses sobre o seu porvir; tal a razão por que suas crenças a esse respeito se fracionaram em tão numerosos e divergentes sistemas, desde o niilismo até as concepções fantásticas do inferno e do paraíso. Hoje, são as testemunhas oculares, os próprios atores da vida de ale-túmulo que nos vêm dizer em que se tornaram e só eles o podiam fazer. Suas manifestações, conseqüentemente, serviram para dar-nos a conhecer o mundo invisível que nos rodeia e do qual nem suspeitávamos e só esse conhecimento seria de capital importância, dado mesmo que nada mais pudessem os Espíritos ensinar.

Se fordes a um país que ainda não conheceis, recusareis as informações que vos dê o mais humilde campônio que encontrardes? Deixaríeis de interroga-lo sobre o estado do seu caminho, simplesmente por ser ele um camponês? Certamente não esperareis obter, por seu intermédio, esclarecimentos de grande alcance, mas, de acordo com o que ele é na sua esfera, poderá, sobre alguns pontos, informar-vos melhor do que um sábio, que não conheça o país. Tirareis das suas indicações deduções que ele próprio não tiraria, sem que por isso deixe de ser um instrumento útil às vossas observações, embora apenas servisse para vos informar

Allan Kardec

acerca dos costumes dos camponeses. Outro tanto se dá no que concerne às nossas relações com os Espíritos, entre os quais o menos qualificado pode servir para nos ensinar alguma coisa.

62. Uma comparação vulgar tornará ainda melhor compreensível a situação.

Parte para destino longínquo um navio carregado de emigrantes. Leva homens de todas as condições, parentes e amigos dos que ficam. Vêm-se a saber que esse navio naufragou. Nenhum vestígio resta deles, nenhuma notícia chega sobre a sua sorte. Acredita-se que todos os passageiros pereceram e o luto penetra em todas as suas famílias. Entretanto, a equipagem inteira, sem faltar um único homem, foi ter a uma ilha desconhecida, abundante e fértil, onde todos passam a viver ditosos, sob um céu clemente. Ninguém, todavia, sabe disso. Ora, um belo dia, outro navio aporta a essa terra e lá encontra sãos e salvos os naufragos. A feliz nova se espalha com a rapidez do relâmpago. Exclamam todos: “Não estão perdidos os nossos amigos!” E rendem graças a Deus. Não podem ver-se uns aos outros, mas correspondem-se; permutam demonstrações de afeto e, assim, a alegria substitui a tristeza.

Allan Kardec

Tal a imagem da vida terrena e da vida de além-túmulo, antes e depois da revelação moderna. A última, semelhante ao segundo navio, nos traz a boa-nova da sobrevivência dos que nos são caros e a certeza de que a eles nos reuniremos um dia. Deixa de existir a dúvida sobre a sorte deles e a nossa. O desânimo se desfaz diante da esperança.

Mas, outros resultados fecundam essa revelação. Achando madura a Humanidade para penetrar o mistério do seu destino e contemplar, a sangue-frio, novas maravilhas, permitiu Deus fosse erguido o véu que ocultava o mundo invisível ao mundo visível. Nada têm de extra-humanas as manifestações: é a humanidade espiritual que vem conversar com a humanidade corporal e dizer-lhe:

“Nós existimos, logo o nada não existe, eis o que somos e o que sereis; o futuro vos pertence, como a nós. Caminhais nas trevas, vimos clarear-vos o caminho e traçar-vos o roteiro, ainda ao acaso, vimos apontar-vos a meta. A vida terrena era, para vós, tudo, porque nada véis além dela; vimos dizer-vos, mostrando a vida espiritual: a vida terrestre nada é. A vossa visão se detinha o túmulo, nós vos desvendamos, para lá deste, um esplêndido horizonte. Não sabíeis por que sofreis na Terra; agora, no sofrimento, vedes a

Allan Kardec

justiça de Deus. O bem nenhum fruto aparente produzia para o futuro. Doravante, ele terá uma finalidade e constituirá uma necessidade; a fraternidade, que não passava de bela teoria, assenta agora numa lei da Natureza. Sob o domínio da crença de que tudo acaba com a vida, a imensidade é o vazio, o egoísmo reina soberano entre vós e a vossa palavra de ordem é; “Cada um por si”. Com a certeza do porvir, os espaços infinitos se povoam ao infinito, em parte alguma há o vazio e a solidão; a solidariedade liga todos os seres, aquém e além da tumba. È o reino da caridade, sob a divisa: “Um por todos e todos por um.” Enfim, ao termo da vida, dizíeis eterno adeus aos que vos são caros; agora, dir-lhes-eis: “Até breve!”

Tais, em resumo, os resultados da revelação nova, que veio encher o vácuo que a incredulidade cavara, levantar os ânimos abatidos pela dúvida ou pela perspectiva do nada e imprimir a todas as coisas uma razão de ser. Carecerá de importância esse resultado, apenas porque os Espíritos não vêm resolver os problemas da Ciência, dar saber aos ignorantes e aos preguiçosos os meios de se enriquecerem sem trabalho? Nem só, entretanto, à vida futura dizem respeito os frutos que o homem deve colher dela. Ele os saboreará na Terra, pela transformação que estas

Allan Kardec

novas crenças hão de necessariamente operar no seu caráter, os seus gostos, nas suas tendências e, por conseguinte, nos hábitos e nas relações sociais. Pondo fim ao reino do egoísmo, do orgulho e da incredulidade, elas preparam o do bem, que é o reino de Deus, anunciado pelo Cristo¹².

¹² Nota de A. k: A anteposição do artigo à palavra Cristo (do grego Cristo, ungido), empregada em sentido absoluto, é mais correta, atento que essa palavra não é o nome do messias de Nazaré, mas uma qualidade tomada substantivamente. Dir-se-á, pois: Jesus era Cristo, era o Cristo, era Cristo anunciado; a morte do Cristo e não de Cristo, ao passo que se diz: a morte de Jesus e não do Jesus. E, Jesus-Cristo, as duas palavras reunidas formam um só nome próprio. E pela mesma razão que se diz: o Buda, Gautama conquistou a dignidade de um Buda por suas virtudes e austeridades. Diz-se: a vida do Buda, do mesmo modo que: o exército do Faraó e não de Faraó, Henrique IV era rei, o título de rei, a morte do rei e não de rei.